



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

ARTES CÊNICAS – DIREÇÃO TEATRAL

QUE PARTE DE NÓS

Uma Criação Colaborativa

FERNANDA ARRABAL THOMAZ

Rio de Janeiro/RJ

2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
ARTES CÊNICAS – DIREÇÃO TEATRAL

QUE PARTE DE NÓS
Uma Criação Colaborativa

Fernanda Arrabal Thomaz

DRE: 115049646

Memorial do processo de criação do espetáculo “Que parte de nós”.
Trabalho de conclusão de curso pela disciplina *Projeto Experimental em Teatro* do curso de bacharelado em Artes Cênicas, com habilitação em Direção Teatral da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Orientadora: Lívia Flores Lopes

Rio de Janeiro/RJ

2020

ARRABAL, Fernanda

Que parte de nós – Uma Criação Colaborativa / Fernanda Arrabal Thomaz – Rio de Janeiro, UFRJ/ECO, 2020.

Número de folhas: 81

Orientação: Lívia Flores Lopes

Memorial (graduação em Artes Cênicas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, 2020.

Bibliografia: f. 80

1. Despedidas. 2. Criação Colaborativa. 3. Dramaturgia. I. Lívia Flores Lopes (orientadora) II. ECO/UFRJ III. Direção Teatral IV. Peça Teatral

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por tudo que me concedeu tendo me permitido chegar até aqui.

Agradeço aos meus pais pela minha criação, por todo o apoio e por não medirem esforços para me auxiliarem em todos os momentos da minha vida e da minha trajetória nesta graduação. Obrigada por todo o empenho, amor, carinho, cuidado, dedicação e tempo que sempre me disponibilizaram. O caminho teria sido muito mais duro sem vocês ao meu lado. Preciso agradecer também ao meu irmão, meu maior exemplo, que mesmo estando distante em muitos momentos, esteve sempre presente. Obrigada por me inspirar em diversas áreas da minha vida.

Agradeço à Gabriela Lírio e à Lívia Flores pelas orientações na confecção do projeto e na realização do projeto de montagem, respectivamente, sem as quais esse espetáculo não teria acontecido. Aproveito para agradecer também à professora Eleonora Fabião, de quem fui monitora e orientanda de pesquisa, por me ensinar a importância da troca e da produção de pensamento dentro da universidade.

Agradeço também aos demais professores que auxiliaram minha formação e a todo o corpo docente do curso de Direção Teatral, assim como aos técnicos e funcionários da UFRJ. Agradecimento especial à Erika Neves e toda a produção da mostra, junto com a equipe da S.U.A.T.

Agradeço a todos os colegas de curso com quem dividi as minhas experiências nessa faculdade, à minha turma de 2015.1 e todos os agregados, com os quais aprendi tanto e cresci como artista e cidadã. Obrigada pelos apoios nos corredores nesse período de PET, sempre perguntando como estava o processo e se eu precisava de algo.

Agradeço aos meus amigos de vida que se tornaram praticamente família, por todas as conversas, encorajamentos, broncas, revisões, acolhimentos, casa. Obrigada por cada palavra e abraço, por estarem sempre disponíveis para o que eu precisasse. E aos meus professores anteriores, que fizeram parte da minha formação como pessoa, que me

auxiliaram a entrar neste curso e, principalmente, aos que me apresentaram o teatro e as artes, meu muito obrigada.

Agradeço ainda ao restante da minha família que sempre me apoiou e fez o possível para colaborar com os meus trabalhos. Obrigada também a Camille Fróes por sempre me ouvir e me mostrar minhas capacidades.

Mais que necessário um agradecimento a toda a equipe de *Que parte de nós*, sem a qual essa peça não se realizaria. Obrigada por aceitarem fazer parte desse projeto e por se dedicarem ao máximo. Em especial, agradeço a Taís Trindade pela parceria inesperada desse último um ano e meio. Obrigada por todo cuidado, carinho, conversa e por me ensinar tanto em todos os projetos.

Por fim, agradeço a todos que cederam seus relatos para a composição da dramaturgia e todos os que colaboraram de alguma forma com esse trabalho e comigo ao longo desses anos.

RESUMO

Este memorial é o registro das etapas de criação, elaboração e produção do espetáculo *Que parte de nós*. Trata-se de uma criação colaborativa com dramaturgia escrita em processo por Lane Lopes, a partir de temas relacionados a despedidas, como morte, término e mudança. A peça pretende abordar os processos de despedidas propondo alternativas às perspectivas de dor e rejeição geralmente associadas a esses momentos. Durante a montagem, foram investigados mecanismos de interação com a plateia e relação de proximidade com o espectador.

Palavras-chave: Despedidas, Criação colaborativa, Dramaturgia

ABSTRACT

This memorial is a record of process of creation, elaboration, and production from the play *Que parte de nós*. It is a collaborative creation with the dramaturgy written by Lane Lopes based on themes related to farewells, like death, break ups, and moving away. The play intends to discuss the processes of farewells proposing alternatives to the perspectives of pain and rejection usually associated with those moments. During the conception of the performance, mechanisms of interaction with the audience and bonding with the public were investigated.

Key-words: Farewell, Collaborative creation, Dramaturgy

SUMÁRIO

Introdução	1
Processo	4
1. <i>Viewpoints</i> e Composições	5
2. Primeiras Versões do texto e Construção dos personagens	9
3. Experimentações de cena e Alteração no texto	15
4. Marcação de cenas	17
5. Reestruturação do final e Passadões	18
Pesquisa Sonora	22
Equipe de Arte e Iluminação	23
Conclusão	27
Anexos	35
1. Trecho de cena da primeira versão do texto	35
2. Ficha Técnica	37
3. Texto Expressões	38
4. Dramaturgia final	40
Referências Bibliográficas	73
Referências Cinematográficas	74

INTRODUÇÃO

Que parte de nós foi o espetáculo idealizado, escrito, construído e apresentado como minha peça de formatura e, também, como a minha despedida da graduação no Curso de Direção Teatral, na Escola de Comunicação, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Este memorial tem como propósito registrar a experiência que foi dirigir este projeto em todas as suas etapas. Assim, começo explicando como ele foi inicialmente idealizado durante a disciplina de Projeto de Encenação ministrada pela professora Gabriela Lírio no primeiro semestre de 2019.

Logo no início das aulas, houve uma proposta de escrita sobre o que eu desejava encenar ou realizar no meu espetáculo no semestre seguinte. Naquele momento, percebia uma necessidade grande de um trabalho sensível, que tratasse de empatia, de acolhimento, de afeto. Havíamos acabado de sair de um ano absolutamente turbulento para todo o país. As tensões sobre o que viria depois das eleições eram evidentes: discursos LGBTQfóbicos, machistas, racistas e fascistas eram legitimados com a promessa de um Brasil novo. E me parecia haver uma urgência coletiva para falar do simples, de nos encontrarmos e movimentarmos algo.

Eu já sabia que gostaria de tratar sobre despedidas. Após algumas perdas, vinha refletindo já há algum tempo sobre as nossas relações de despedida. Porém era ainda um tema um pouco vago e precisava entender melhor do que eu gostaria de tratar no espetáculo. Busquei, então, referências bibliográficas que tratassem de despedidas e por vezes me deparei com textos que tratavam apenas da morte. Durante a pesquisa, procurava me afastar o máximo possível da morte literal, da morte do corpo, afinal o meu desejo era o de entender os processos de despedida como um todo.

Em certo momento, houve a compreensão de que seria necessário falar da morte, já que é a nossa despedida definitiva, e de que eu poderia expandir esse conceito para que pudesse abranger outras despedidas. Dessa maneira, ampliando o conceito de morte e afirmando a ligação direta que esses dois temas possuem, passei a trabalhar com a ideia de que a morte é uma ruptura e, por isso, qualquer despedida deriva da morte de algo, mesmo que seja de uma relação pessoal ou espacial.

Comecei a perceber que muitas vezes não temos tempo para parar e refletir com calma sobre as mudanças que nos acontecem, às vezes, nem mesmo sobre as mais

drásticas. Parecia-me que a dinâmica acelerada do nosso cotidiano nos impedia de entender os nossos próprios processos. Quando me deparei com a necessidade de encontrar algo sobre o que eu gostaria de falar, com o qual eu quisesse trabalhar e colocar em cena, percebi que o teatro talvez fosse esse lugar de respiro, onde eu poderia me debruçar sobre esse assunto tão delicado e muitas vezes esquecido.

Esse projeto nasce, portanto, de despedidas próprias, bem como da observação de despedidas coletivas e sociais, contextualizadas nesse período de violência e acirramentos dos discursos de ódio. Um desejo relativo a esses momentos, às nossas relações com os “rituais” de despedidas, criados a partir da morte de algo ou alguém, à forma como lidamos com o adeus, com o desapego, o deixar ir, as lembranças e as sensações que ficam. A proposta era pensar o modo como nos despedimos, na nossa sociedade atual, não só das pessoas, mas das coisas, dos lugares, dos hábitos, entendendo que a despedida carrega em si a modificação das nossas relações e dos nossos afetos. Existia um desejo de encenar o afeto que empregamos nas partidas.

Para construir essa narrativa chamei a dramaturga Lane Lopes, que escreveria a peça durante o processo, através de uma construção colaborativa. Como ponto de partida, tínhamos relatos de diversas pessoas que tratassem de alguma despedida. Além disso, pensando na estruturação dramática, selecionei quatro temas que norteariam a escrita da Lane, eram eles: 1. Efeitos da morte do corpo. 2. Mudança de casa, cidade, país. 3. Término de relação. 4. Memórias. Um primeiro esboço, baseado nos relatos, seria criado antes do início dos ensaios. Posteriormente, trabalharíamos dentro da sala de ensaio, onde o elenco e a equipe também trariam suas experiências de despedidas para agregar à dramaturgia.

É comum que as despedidas, principalmente a morte, sejam encaradas com dor e rejeição, tornando-se pesadas de forma que não desejamos processá-las. Minha vontade com esse projeto era tentar perceber novas perspectivas de trato com essas ocasiões e, para isso, a ideia inicial era construir uma estética de movimento e vibração. Desse modo, o figurino seria composto por cores vivas/vibrantes e formaria, junto ao cenário, um esquema de cores complementares que enfatizasse tal estética, trazendo maior leveza e distinguindo-se do preto/cinza característico do luto. Além da estética de cores, o cenário foi inicialmente pensado como uma cafeteria. Utilizaríamos também plataformas e pufs que ajudariam a distinguir os diferentes espaços narrativos.

A música era também um elemento relevante dentro dessa construção estética de vibração e movimento. Haveria, para isso, uma trilha sonora executada por músicos e pelos atores em cena, criando atmosferas sonoras que caracterizariam distintas ambientações. A trilha surgiria através de uma pesquisa musical desenvolvida, durante o processo e de modo contínuo, por um diretor musical que acompanharia os ensaios.

Todos os elementos foram pensados a fim de gerar um ambiente sensorial, acolhedor e receptivo, de modo que todos se sentissem confortáveis. Trabalharia com os atores, explorando a técnica de *viewpoints*, na tentativa de desenvolver uma escuta e um corpo presente, conectivo e atento, que auxiliassem na interação direta com o espectador. Era importante que fosse construído um espaço de afeto para tratar de um tema delicado, principalmente levando em consideração que o elenco compartilharia, com seus próprios corpos, as nossas vivências e, também, as de outras pessoas. Desde a sala de ensaio, queria estabelecer um ambiente leve e agradável para este trabalho.

PROCESSO

O processo para a elaboração do espetáculo se inicia desde a escolha da equipe, antes mesmo de entrarmos na sala de ensaio. Diferente do que aconteceu na montagem de Direção VI, minha direção anterior na faculdade, em que a equipe era composta por pessoas que eu não conhecia, dessa vez, convidei apenas pessoas com quem já havia trabalhado em outras peças (com exceção das figurinistas e dos cenógrafos, que foram escolhidos pelo diretor de arte Jefferson Santi). Essa opção era já um primeiro passo para a criação de um ambiente agradável para os ensaios. Além de conhecer seus trabalhos, eram pessoas por quem eu nutria algum afeto e em quem eu podia confiar.

Assim, tinha comigo durante os ensaios o elenco formado por Augusto Semensati (Léo), Maria Eduarda Moreira (Duda), Mika Macedo e Taís Trindade, que era também assistente de direção e produtora; o músico Rudá Sánchez; a preparadora corporal Brenda Monteiro; a dramaturga Lane Lopes. A escolha foi pautada também na disposição que eu imaginava que eles teriam em tratar da temática de uma forma não convencional, através de novas perspectivas.

Antes de começarmos a ensaiar, marcamos um encontro para que o elenco e a dramaturga se conhecessem (Rudá e Brenda não puderam comparecer). Nos apresentamos e conversamos um pouco sobre como eram as nossas relações com as despedidas contando algumas das nossas histórias. Nesse momento, Lane e eu já tínhamos recolhido alguns relatos que lemos para o elenco. Desse encontro até o nosso primeiro ensaio, tínhamos um intervalo de mais ou menos um mês, pois estavam começando as férias, por isso, combinamos que nesse período o texto começaria a ser esboçado para começarmos a ensaiar com algum material textual.

O processo dentro da sala de ensaio acabou se dividindo em 5 fases:

1. *Viewpoints* e Composições;
2. Primeiras Versões do texto e Construção dos personagens;
3. Experimentações de cena e Alteração no texto;
4. Marcação de cenas;
5. Reestruturação do final e Passadões.

Descriverei, a seguir, como cada uma dessas etapas foi desenvolvida durante o período de ensaios.

1. Primeira fase: *Viewpoints* e Composições

Era a primeira vez que o elenco trabalhava com essa configuração, apesar de haver pessoas que já tinham trabalhado umas com as outras, algumas nunca haviam estado em cena juntas. Além disso, como já aponte, era um desejo grande e uma motivação para o projeto que a plateia se sentisse parte do que estaria sendo apresentado, que se identificasse com os personagens e as situações encenadas no palco. Para isso, era necessária a conectividade entre o elenco, para que eles fossem capazes de criar conexão com o público e pudessem transitar facilmente entre palco e plateia. Optei, portanto, por começar o processo trabalhando com *Viewpoints*, visando à interação entre eles, o jogo em cena e o conhecimento do corpo do outro.

O treinamento em *Viewpoints* é uma ferramenta desenvolvida pela diretora e professora Anne Bogart e pela diretora, escritora e professora Tina Landau, que denomina “princípios de movimento através do tempo e do espaço” (BOGART e LANDAU, 2017, p.25), utilizados para “1. treinar *performers*; 2. construir coletivos; e 3. criar movimento para o palco.” (BOGART e LANDAU, 2017, p. 25). No capítulo em que falam sobre os *Viewpoints* no ensaio, as autoras escrevem:

“Aplicar o treinamento em *Viewpoints* no começo do processo de ensaio é um excelente meio de incluir novos corpos, em um novo tempo, em um novo espaço, em uma nova peça. Quando trabalhar com um grupo novo, você deveria sempre introduzir os *Viewpoints* individuais de uma forma simples, seguindo as linhas básicas (ver capítulos 1 e 2), mesmo se um ou mais participantes já tiverem a experiência com essa prática. [...]

Nos primeiros dias de ensaio, o treinamento em *Viewpoints* é usado primordialmente para criar um coletivo, estabelecendo um vocabulário-atalho e um vocabulário coletivo.

Criar um coletivo

Uma vez que se tenha um grupo trabalhando em estrito contato físico (suando), o treinamento em *Viewpoints* rapidamente quebra as barreiras de polidez e medo individuais ao encorajar os indivíduos a se soltar, a se jogar. [...] Valoriza-se a escuta e a resposta aos outros. Retira-se a pressão sobre qualquer pessoa que sinta que deve criar num vazio. A ênfase é colocada no fato de que a peça é feita por, e pertence a, cada membro do coletivo – não há pequenos papéis.” (BOGART e LANDAU, 2017, p. 148)

Comprovei mais uma vez a eficácia dessa ferramenta para a integração do elenco. Fizemos algumas práticas em raias e em grade, introduzindo os *viewpoints* e o que as autoras chamam de *open viewpoints*. Em poucos ensaios já era perceptível que havia outra dinâmica entre eles.

Juntamente com essas práticas, fazíamos também jogos e composições abordando as despedidas dos próprios atores. Tratando-se de uma construção colaborativa, era necessário que eles trouxessem seus próprios pontos de vista e desejos para a peça. Queria ver como eles contavam suas próprias histórias, como se sentiam contando e representando os seus processos de despedidas.

Composição é uma tarefa dada a um grupo para que possa criar peças teatrais curtas e específicas endereçadas a um aspecto particular do trabalho. Usamos Composição durante um ensaio para engajar os colaboradores no processo de gerar seu próprio trabalho em torno de uma fonte. A tarefa incluirá, com frequência, uma intenção abrangente ou estrutura, assim como uma lista substancial de ingredientes que podem ser incluídos na peça. (BOGART e LANDAU, 2017, p.31)

Propus composições variadas, por vezes pedindo para que preparassem uma cena para a semana seguinte, outras com elementos determinados que deveriam aparecer. Havia, inclusive, propostas mais curtas de jogos de agilidade que demandavam uma lembrança, uma elaboração precisa de uma narrativa ou uma associação rápida. Era interessante ver os mesmos relatos com dinâmicas diferentes, bem como a resposta ágil aos estímulos de lembrança.

Nesse primeiro momento, as práticas de preparação corporal eram voltadas para um trabalho de fluxos. Brenda conduziu um momento de identificação dos chácaras associando-os a cores específicas para um estudo dos fluxos de energia. A respiração era, igualmente, importante para entendermos as movimentações energéticas. Houve ainda uma experiência de meditação ativa, em que eles deveriam, de olhos fechados, se movimentar a partir de estímulos musicais. Outra experimentação conduzida pela preparadora foi a “caminhada vida-morte-vida”, em que os atores deveriam fazer uma caminhada de um lado a outro da sala criando uma partitura corporal que representasse o ciclo de morte e vida, entendendo toda a transformação e continuidade contida nele.

Além do entrosamento do elenco, as práticas serviam para o estudo prático da temática e para acumular material para a dramaturgia. Os jogos e as composições

geravam elementos e histórias que eram adicionados à narrativa que vinha sendo criada com base nos relatos recolhidos. Fazíamos registros filmados e escritos para entregar para a dramaturga, que não podia estar presente em todos os ensaios, assim, ela tinha sempre acesso a esses elementos. Os exercícios de escrita eram bastante interessantes para entender diferentes modos de registro.



Foto 1 – Caminhada Vida-morte-vida. Foto: Brenda Monteiro.



Foto 2 – Caminhada Vida-morte-vida. Foto: Brenda Monteiro.



Foto 3 – Caminhada Vida-morte-vida. Foto: Brenda Monteiro.



Foto 4 – Caminhada Vida-morte-vida. Foto: Brenda Monteiro.

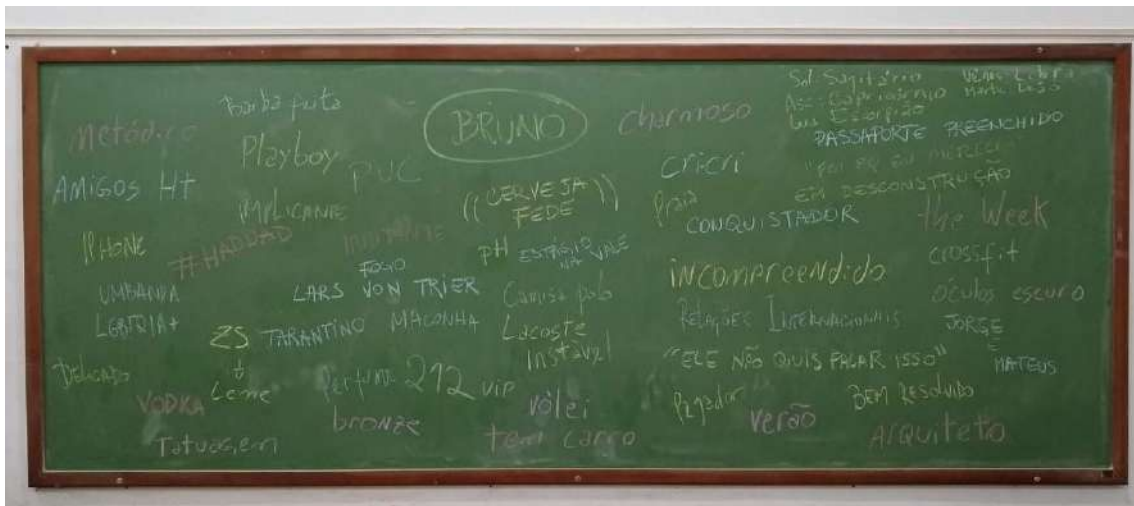


Foto 7 – Brainstorm Bruno. Foto: Fernanda Arrabal.



Foto 8 – Brainstorm Bárbara. Foto: Fernanda Arrabal.

Através de exercícios de escrita, imaginamos que relações elas teriam umas com as outras e pensamos como elas teriam se conhecido. De um desses textos e das nossas conversas, surgiu a ideia de uma cápsula do tempo; sugeri que cada um trouxesse um objeto que achava que caracterizava/tinha relação com cada personagem e que ele poderia querer colocar na cápsula. Além disso, trouxeram uma música para cada personagem. Propus novas composições, dessa vez, com instruções e elementos específicos para os personagens. Como ainda não havia uma decisão fechada sobre que ator faria que personagem, durante essas experimentações eles passavam por todos, revezando a cada proposição.

Após termos objetos e características estabelecidas e discutidas, iniciamos um novo trabalho de imaginação, agora pensando qual seria o corpo da Bárbara, do Gael, da Virgínia, do Bruno. Como os atores enxergavam cada um deles? Como traziam para os seus corpos as características que tínhamos determinado? Que energia corporal essas pessoas possuíam? Para isso, realizamos uma prática de composição corporal que aprendi com Daniel Cintra em oficinas de palhaçaria, em que pensamos a construção em cinco partes: caminhar, postura, gesto habitual, rosto e voz. Apesar de criar um corpo um pouco mais caricato do que o que eu buscava naquele momento, tivemos boas experimentações e aberturas de possibilidades para os personagens.

Partindo dos corpos iniciais, começamos uma investigação dos figurinos, que se aproximassem das personalidades que vinham sendo criadas. Sorteamos um personagem para cada um e, com as suas construções corporais, as características e objetos pensados, os atores deveriam montá-lo com roupas e objetos encontrados no mezanino da Direção Teatral. Com esses materiais, improvisamos uma proposta de cena, ainda não escrita, trazida pela Lane.

Durante esse período, estabelecemos uma dinâmica de leitura de mesa, acompanhada da presença da dramaturga. Semanalmente, recebíamos uma parte da dramaturgia que era lida e discutida por todos presentes. A partir das discussões, propúnhamos as experimentações que levantavam novos materiais e entendimentos sobre a peça. Assim, Lane extraía mais elementos para dar prosseguimento à escrita, e nós entendíamos melhor o universo do espetáculo.



Foto 9 – Experimentação de figurinos: Gael e Virgínia. Foto: Lane Lopes.



Foto 10 – Experimentação de figurinos: Bárbara, Bruno e Virgínia. Foto: Lane Lopes.



Foto 11 – Experimentação de figurinos: Bárbara. Foto: Lane Lopes



Foto 12 – Experimentação de figurinos: Virgínia. Foto: Lane Lopes



Foto 13 – Experimentação de figurinos: Bárbara e Bruno. Foto: Lane Lopes.



Foto 14 – Experimentação de figurinos: Gael e Bárbara. Foto: Lane Lopes.



Foto 15 – Experimentação de figurinos: Bruno e Gael. Foto: Lane Lopes.



Foto 16 – Experimentação de figurinos: personagens e seus objetos sobre a mesa. Foto: Lane Lopes

3. Terceira fase: Experimentações de cena e Alteração do texto

Tendo uma compreensão maior dos personagens, boa quantidade de material levantado e com um número significativo de cenas escritas, demos início à etapa de elaboração e marcação das cenas.

Junto com a Brenda, trabalhamos exercícios que compreendiam a tríade *imaginação – memória – atualidade* (FABIÃO, 2010), na tentativa de explorar o universo da peça. Percebendo que a dramaturgia era bastante cotidiana, resolvemos experimentar um corpo menos naturalista e cotidiano. Havia, ainda, uma linguagem muito imagética e cinematográfica, com termos, tons e descrições muito próximas às de um roteiro de cinema (anexo 1). Começamos a trabalhar experimentações com imagens e gestos cotidianos ressignificados. Dessa maneira, o corpo possuía uma abstração que se distanciava do naturalismo cinematográfico presente no texto.

Em um dos ensaios, pedimos para que eles levassem um objeto próprio que tivesse relação com alguma despedida. A proposta consistia em passar um minuto

analisando o objeto, virar-se de costas, imaginá-lo. Mais trinta segundos olhando para ele, podendo mudar a perspectiva, se desejassem, mas sem tocá-lo. No momento seguinte, eles deveriam se tornar esse objeto, criando gestos e imagens segundo as propriedades observadas (cor, tamanho, textura, formato...).

Como a dramaturgia possuía muitas mudanças de tempo e diversas cenas no tempo passado, iniciamos, juntamente com o estudo dos gestos, pesquisas baseadas no conceito de corpo-memória. De que maneira seria possível enfatizar as passagens de tempo corporalmente? Quais as peculiaridades do corpo no passado? Experimentamos opções, como fotografias com micro movimentos, e ações no passado em câmera lenta. Ainda na ideia de abstração, investigamos a criação de partituras para esses textos iniciais.

A atriz Maria Eduarda ficou com o papel da Bárbara, que era a dona do estabelecimento onde se passava a peça. Na primeira cena, Bárbara tinha textos descritivos e com várias referências cinematográficas, que narravam alguns de seus sentimentos em relação ao lugar. Enquanto isso, os outros personagens conversavam paralelamente numa discussão sobre mofos e sofás em decomposição.

Propus, então, uma prática de *viewpoints* para a marcação dessa cena. Pedi que Mika, Léo e Taís, desconsiderando as falas da Bárbara, dividissem-na em quatro partes e dessem um nome para cada uma delas. Em seguida, deveriam criar uma fotografia para cada momento, escolhendo um lugar no espaço, considerando a relação espacial com os demais, e uma postura. Nessa criação, era permitido que utilizassem cadeiras pelo espaço. O passo seguinte era adicionar um gesto às fotografias. Deixei que eles repetissem algumas vezes a sequência das fotos, inicialmente com o meu comando para a mudança, depois experimentando diferentes tempos e deslocamentos, livremente, entre elas. Na última etapa, eles escolhiam uma fala do seu personagem para acrescentar aos gestos. Fizemos mais uma rodada de experimentação livre, agora com as falas, descobrindo dinâmicas distintas para as palavras.

Duda havia faltado a esse ensaio, então, no ensaio seguinte, depois de atualizada, pedi para que ela escolhesse seus gestos e suas falas. Depois de observar um pouco mais uma rodada da experiência dos outros três, ela entrou no jogo para experimentar suas dinâmicas. Fomos acrescentando mais textos e movimentações até termos toda a cena esboçada por esses gestos, movimentações e relações espaciais. Durante a marcação da

cena um, investigamos também o posicionamento da plateia, optando, no final, pelo formato italiano.

Após o levantamento dessa cena, tivemos uma nova conversa sobre a dramaturgia. Havia um incômodo com o tom do texto que não tínhamos conseguido reconhecer antes. Percebemos que, na cena, a linguagem cinematográfica nos tornava distantes, tirando uma proximidade com a plateia e dificultando a interação com o espectador que eu desejava investigar desde o início. Além disso, por mais que houvésemos desenvolvido as personalidades dos personagens, parecia que suas trajetórias não eram claras dentro da dramaturgia, ela não dava conta de um desenvolvimento. Era necessário, portanto, modificarmos a primeira cena, para que a apresentação da peça e dos personagens ficasse melhor entendida, o que acabaria alterando várias outras cenas que se relacionavam com esta.

No ensaio seguinte, quando tivemos a presença da Lane, explicamos as questões identificadas e sentamos todos juntos para pensarmos possíveis soluções e alterações, em especial, nas cenas coletivas, que tratavam das relações entre os personagens. Discutimos durante todo o ensaio as origens e trajetórias dos personagens, as motivações da Bárbara para abrir um negócio e todo o contexto que desencadearia o fechamento da cafeteria. Além disso, notamos que as circunstâncias e os elementos políticos precisavam ser mais esclarecidos, para que ficasse evidente a justificativa do fim do estabelecimento.

4. Quarta fase: Marcação de cenas

Depois da última grande alteração na dramaturgia, re programei o cronograma. Lane reescrevia as cenas, enquanto marcávamos as que não seriam modificadas. Ao notar que teríamos bem menos tempo para as marcações do que eu havia planejado, fiquei preocupada com a possibilidade de não conseguirmos levantar toda a peça nos ensaios que estavam marcados, principalmente porque, ao reescrever, a Lane poderia ver necessidade de aumentar o número de cenas.

Resolvi, então, mudar a estratégia que vinha desenvolvendo com as experimentações e os *viewpoints*. Optei por pensar a marcação de acordo com o que eu visualizava da cena, chegando ao ensaio já com um esquema de movimentação.

Obviamente, conforme íamos experimentando, víamos o que funcionava ou não e as coisas iam se modificando. Tentei algumas vezes pensar em dispositivos ou jogos que pudessem nos ajudar a estabelecer alguma dinâmica, mas tive bastante dificuldade com isso e as marcações acabavam sendo muito diretas.

Aqui, entendo um equívoco: depois de um momento importante de entendimento do texto e remodelação da dramaturgia, acredito não ter dado os devidos tempo e atenção para a compreensão do corpo e da cena. Se entendemos uma mudança estrutural no espetáculo, era necessário separar tempo para que houvesse, do mesmo modo, entendimento e alterações necessárias relativas ao corpo. Pela insegurança com o tempo, com o cronograma, acabei passando por cima de uma fase de processo de criação importante, que havia começado nas primeiras marcações de cena.

Apesar de poder parecer que estávamos apenas realizando práticas e experimentações soltas nas etapas anteriores, estávamos desenvolvendo vocabulário, reunindo elementos concretos e criando conceitos importantes. Ao pular direto para a marcação mais objetiva e técnica, comprometi, em certos momentos, a fluidez que viria com a compreensão através de uma construção mais espontânea das cenas.

Foram poucas as partituras e movimentações que conseguimos aproveitar daquilo que já havia sido levantado, afinal, com a modificação na estrutura do texto, alguns dos conceitos foram abandonados. Porém continuávamos com uma dramaturgia bastante imagética e, agora, com o conceito de memória ainda mais forte. Seguimos, portanto, na exploração das imagens e passamos a pesquisar melhor a relação dos objetos com as memórias dos personagens. Eles eram lembranças, carregavam alguma história ou situação vivida por aquelas pessoas. Por isso, a relação dos atores com os objetos não era mimética e, sim, mais abstrata, eles eram disparadores das memórias compartilhadas, ali, com o público, nas cenas de passado.

5. Quinta fase: Reestruturação do final e Passadões

Durante a reestruturação da dramaturgia, a Lane teve dificuldades de encontrar um caminho para o final do espetáculo. Existia, nela, o desejo de que o sofá fosse finalmente jogado fora, concluindo a metáfora construída ao longo do texto em relação

ao estabelecimento, e fechando a ideia de que as coisas acabam e é preciso seguir em frente. Não sabia, entretanto, como fazer isso ao final da peça.

O carnaval surgiu no início do processo, no decorrer das experimentações dos personagens. Discutimos bastante as simbologias da festa, os motivos dela ter aparecido mais de uma vez durante o processo de criação. O carnaval é uma festa de renovação, o momento em que, mesmo triste e oprimido, o povo se coloca em movimento, em que acontecem as mais diversas expressões. Também nos trazia uma importante dimensão política, se queríamos falar sobre a despedida de um país como a que nos aconteceu após as eleições de 2018, nada mais apropriado que uma festa popular que possui uma força e potência de renovação tão grandes e que resiste há anos às tentativas de cerceamento do poder público.

Por todas essas características, entendemos que gostaríamos de terminar o espetáculo com um carnaval. Era importante uma finalização que trouxesse movimento, animação e, principalmente, motivação para seguir. Além disso, fazia sentido terminar retomando uma imagem inicial, que contava de um carnaval alguns anos antes e pensar sobre como as coisas mudaram e as possibilidades que possuímos à frente. O sofá seria, então, jogado fora durante o carnaval com toda a sua simbologia de renascimento. Essa foi a última cena que marcamos.

Era importante que passássemos as cenas que já havíamos levantado sempre que possível. Isso fazia com que os atores entendessem cada vez mais as dinâmicas, tanto das ações quanto das relações entre as personagens. Como as marcações foram feitas de forma muito direta, a cada passada, esclareciam-se melhor as movimentações e fazíamos as alterações necessárias para que se tornassem mais condizentes com os conceitos e a dramaturgia que criamos.

Nesse ponto, ressalto que a estreia acabou sendo um momento de grande compreensão sobre o espetáculo, para toda a equipe. Não foi possível fazer um passado com todos os adereços antes da apresentação, e os demais elementos cênicos, como o cenário e iluminação, auxiliaram muito na visualização da completude do espetáculo. No segundo dia, depois de conversarmos sobre a primeira apresentação e com algumas indicações finais, tivemos uma peça com muito mais entendimento, interação e dinâmica.

Por se tratar de um texto difícil e bastante poético, foi necessário também voltar mais de uma vez a uma leitura de mesa. A leitura em conjunto e o debate sobre as cenas era de grande ajuda para compreender melhor a peça, principalmente porque, ao levantar as cenas individualmente, não tínhamos uma dimensão do todo e das conexões ao longo do texto. A cena nove, por exemplo, resumia de forma sutil a personalidade de cada personagem. Entender como as personalidades e as qualidades se apresentavam nessa cena ajudaria a compreender o desenvolvimento do personagem durante toda a peça.



Foto 17 – Leitura e discussão de texto. Foto: Luana Vidinha.



Foto 18 – Leitura e discussão de texto. Foto: Luana Vidinha.



Foto19 – Leitura e discussão de texto. Foto: Luana Vidinha.

PESQUISA SONORA

Como citei anteriormente, Rudá Sánchez foi o responsável pela pesquisa sonora e pela execução da trilha em cena. Esteve presente desde o início do processo, acompanhando os ensaios, as leituras de mesa, os estudos cênicos e textuais. A pesquisa sonora era feita, portanto, em conjunto com as pesquisas corporais. Durante as práticas, além das proposições da Brenda, em alguns momentos, havia também algumas propostas de experimentações sonoras, para que os atores sugerissem sonoridades e auxiliassem na construção da trilha.

Algumas músicas, reproduzidas e cantadas pelos atores em cena, foram sugeridas pela Lane já na dramaturgia, outras foram sugestões minhas e do elenco durante os estudos da cena. As demais intervenções sonoras surgiram de um longo estudo e observação do próprio Rudá que, após o levantamento de cena, sugeria as sonoridades que havia pensado. Por conta de alguns problemas, ao final do processo, ele não pôde acompanhar todos os ensaios; além disso, alguns instrumentos chegaram tarde, fatores que fizeram com que as propostas fossem feitas com a cena já levantada e não concomitantes ao levantamento.

A música foi um dos elementos que gerou um entendimento geral do espetáculo apenas nos dias de apresentação. Isso se deu, pois algumas proposições sonoras foram feitas muito próximo à estreia e não tivemos tempo de ensaiá-las com a devida atenção para que o elenco interagisse com elas de forma consciente. Ressalto, entretanto, que a presença do Rudá acompanhando os primeiros ensaios e as discussões foi importantíssima, uma vez que ele sabia o que estávamos construindo e, ao final, suas propostas dialogavam com as ideias e conceitos que elaboramos para a cena.

EQUIPE DE ARTE E ILUMINAÇÃO

A equipe de arte teve uma questão evidente durante todo o processo, que refletiu diretamente na produção. Era muito difícil tê-los presentes nos ensaios, por isso não conseguiam acompanhar o desenvolvimento da criação. Tratando-se de um processo colaborativo, como já explicado, tudo estava em constante modificação e era essencial a participação de todas as partes. Sem que eles vissem o que acontecia nos ensaios, era muito difícil dialogar e construir em conjunto. Principalmente com a equipe de figurino, tivemos algumas questões de discordância, que eu imagino que tenham sido causadas pelas faltas. Sentia que o trabalho ficava deslocado daquilo que estávamos produzindo diariamente. No final, porém, achei que as propostas se encaixavam de uma maneira positiva.

Já no projeto, escrevi que desejava ter uma cafeteria como cenário para esse espetáculo. Naquele momento, entretanto, não havia ainda uma dramaturgia, e eu não podia prever muito onde as cenas se passariam de fato ou como se desenvolveriam. Depois de termos a dramaturgia mais bem elaborada, começamos a pensar no espaço de cena como um espaço de memórias. O texto trazia uma ideia de lembranças muito forte, estávamos trabalhando memória e imaginação nas experimentações corporais e parecia fazer sentido que, no cenário, os objetos e elementos fossem propulsores das cenas.

Conforme fomos trabalhando, notei que não era exatamente isso. Em diálogo com a Taís, estudando o texto e nos debruçando sobre o lugar dessas ações, partimos para a ideia de um café em construção. Na contramão do que apresentava a dramaturgia, o cenário daria conta de construir e revelar aos poucos esse café, inicialmente, empacotado em caixas de papelão. Delas sairiam os elementos que iriam compor o espaço da cafeteria, que, ao final, estaria completamente equipada. As caixas tinham também uma simbologia de mudança, da chegada ou saída de um lugar. Além disso, nos ajudariam a trabalhar os diferentes tipos de níveis em cena.

Na ideia de que o café iria se construindo ao decorrer do espetáculo, e como havia cenas específicas com uma memória de cada personagem, a equipe de cenografia propôs que tivéssemos espaços individuais para eles. Com exceção da Bárbara, que tinha o próprio café como seu espaço, cada um teria um espaço delimitado com

elementos próprios da sua cena. Essas áreas individuais iriam sendo desfeitas conforme as cenas acontecessem e o café fosse se construindo.

A ideia da construção do café não conseguiu ser muito bem executada. Ao final, tínhamos as caixas de papelão representando as mudanças, mas com pouca funcionalidade real de um lugar em construção e que fosse se revelando ao longo da peça. Acredito que essa falha de execução tenha ocorrido porque o levantamento de cenas foi feito sem levá-la em consideração. Além disso, a ausência nos ensaios fazia com que o trabalho com o cenário parecesse deslocado da cena. Os espaços individuais, por sua vez, funcionaram bem e conseguiram representar a individualidade de cada personagem, apesar de não agregarem à ideia de que eram desfeitos para formar a cafeteria.

Junto com os espaços individuais, cada personagem tinha ainda uma cor própria, de acordo com sua personalidade. As cores foram sugeridas pela direção de arte e pela figurinista, baseadas em características pesquisadas ao longo das dinâmicas e práticas de personagens, e descritas pelos atores. Assim, tínhamos os tecidos, em tom pastel, que delimitava o espaço de cada um, em contraste com uma peça de roupa, de tonalidade vibrante, da cor definida para aquele personagem, além das caixas de papelão e demais elementos em cores mais neutras. Era também um desejo da direção de arte que alguma coisa nos figurinos unisse os personagens, por isso, eles possuíam em comum um componente jeans.

A equipe de iluminação esteve, igualmente, bastante ausente dos ensaios. Eles começaram a ir com mais frequência nas últimas etapas, o que fez com que perdessem grande parte dos processos de criação. No entanto, ao contrário das divergências que tive com o figurino e com o cenário, me surpreendeu a forma como eles rapidamente entenderam as propostas e o que vinha sendo construído. A iluminação somou ao espetáculo e dialogou muito bem com os atores e o restante dos elementos. Era uma luz difícil, bastante recortada, mas que foi bem importante para algumas transições de cena e ambientações.

Os iluminadores criaram uma luz que lembrava o ambiente de uma cafeteria, inclusive na plateia, de forma que os espectadores se sentissem dentro do estabelecimento e, desse modo, um pouco mais próximos da cena. A iluminação auxiliou na elaboração de uma estética poética e tão imagética quanto presente na

dramaturgia, utilizando-se das cores dos personagens, além das luminárias específicas que representavam a iluminação do café.



Foto 20 – Cena do Bruno com iluminação azul. Foto: Luana Vidinha



Foto 21 – Cena da Virgínia com iluminação vermelha. Foto: Luana Vidinha.



Foto 22 – Espaço individual do Bruno com iluminação azul e luminária. Foto: Luana Vidinha.



Foto 23 – Espaço individual do Gael com iluminação roxa. Foto: Luana Vidinha.



Foto 24 – Sol refletindo no prédio espelhado. Foto: Luana Vidinha.

CONCLUSÃO

Apesar das dificuldades, o resultado geral do trabalho foi bastante positivo. Durante muito tempo achei que não daríamos conta do cronograma e dos prazos para ter a peça pronta e, até o dia da estreia, eu estava muito nervosa, achando que não tínhamos alcançado aquilo que queríamos. De certa forma, a minha apreensão se confirmou, na medida em que os ensaios finais não puderam ser tão bem aproveitados. A Duda ficou doente no fim de semana anterior a nossa estreia, que aconteceu na terça feira, dia 26 de novembro, e na segunda feira não foi possível ensaiar a peça completa e fazer os ajustes finais.

Assim, estreamos ainda com muitas dúvidas por parte dos atores, principalmente em relação ao espaço e aos materiais de cena. Foi evidente a compreensão que eles passaram a ter sobre o espetáculo depois da primeira apresentação. Outro fator que modificou radicalmente as dinâmicas de cena foi a presença do público. A interação com a plateia foi algo que, como exposto, eu desejava investigar desde os primeiros momentos de elaboração desse processo. Busquei desenvolver na sala de ensaio mecanismos para tal aproximação e relação, a experiência completa, porém, só seria possível com os espectadores.

Passado o dia da estreia e com o espetáculo bem mais assentado, tivemos duas apresentações ótimas nos dias que se seguiram. O elenco estava muito mais à vontade e o entrosamento entre eles era perceptível. Todos cresceram visivelmente no segundo dia e mostraram uma energia em cena que antes não havia se manifestado com tamanha potência e vibração. Era nítida a diferença de compreensão a partir do primeiro dia.

Como relatei neste memorial, passamos por algumas dificuldades, que já eram esperadas, embora absolutamente imprevisíveis. Sabia que o resultado não seria exatamente o que escrevi no projeto lá no início. Agora, no entanto, olhando de uma perspectiva mais ampla, percebo que ao me deparar com os primeiros obstáculos, me atrapalhei um pouco com a organização. Poderia ter voltado mais vezes ao meu projeto e lembrar os meus reais objetivos para reprogramar os cronogramas. Acredito que dessa maneira, minha condução pudesse ser menos confusa, pois traçaria estratégias mais claras.

Durante o processo, por vezes, me senti um pouco sozinha. Ter uma assistente de direção era indispensável para que eu pudesse sempre conversar sobre as questões que me angustiavam e a Taís foi crucial em diversos momentos para que as coisas não saíssem do caminho. Ao mesmo tempo, era difícil tê-la em cena como atriz, uma vez que várias questões surgiam durante os ensaios e eu necessitava de uma visão externa, que pudesse pensar junto comigo nas possíveis soluções.

A despeito dos contratempos e das dúvidas, acredito ter alcançado grande parte do que vislumbrava no projeto. Um dos pontos que considero de grande importância foi o relacionamento da equipe como um todo. Mesmo com divergências e os problemas que surgiram, conseguimos criar um ambiente agradável, onde desenvolvemos um trabalho colaborativo consistente. Era uma preocupação que a atmosfera de ensaio não fosse pesada e que todos se sentissem bem para realizar sua função. Apesar de alguns tropeços, parece-me que alcançamos um lugar interessante.

Considero que o trabalho de elaboração da dramaturgia obteve ótimos resultados. Criamos uma dinâmica de escrita relevante para o desenvolvimento de uma criação colaborativa, de forma que todos pudessem participar e expor suas opiniões e sugestões. O material era extraído diretamente da sala de ensaio para a construção do texto, que após ser lido pelo grupo era discutido e experienciado em cena, podendo sofrer modificações durante as experimentações. Um trabalho verdadeiramente conjunto de todas as partes. Lane Lopes fez uma bela costura, conseguindo abordar todos os temas planejados.

A música tornou-se mais do que eu conseguia imaginar. Embora tivesse idealizado uma trilha sonora, não sabia exatamente como ela poderia ser executada e que tipo de musicalidade a peça demandaria. A pesquisa feita por Rudá Sánchez foi precisa e as sonoridades criadas se encaixaram muito bem ao espetáculo. Além disso, o músico estava bem inserido em cena interagindo com os acontecimentos no palco e trazendo o público mais para dentro da ação.

O cenário e o figurino conseguiram corresponder, em certas maneiras, àquilo que apresentava o projeto. Mesmo com modificações de alguns conceitos pensados anteriormente assim como as formas de execução, montamos uma cafeteria e estabelecemos um espaço acolhedor. Os figurinos possuíam as cores necessárias que ilustravam cada personalidade. O diretor de arte Jefferson Santi, junto com o restante da

equipe, teve sucesso em criar uma estética vibrante que fugia totalmente da paleta preta do luto.

A preparação corporal da Brenda Monteiro foi componente fundamental para conquistar a potencialidade e presença que pretendia para os corpos em cena. O trabalho com os fluxos e as práticas de imaginação deram ferramentas para os atores desenvolverem corpos conscientes de uma perspectiva de movimento e transformação necessária para dar conta do texto e da temática como gostaríamos. O elenco tinha escuta, jogo e coesão, que influenciaram diretamente a interação com a plateia e seu acolhimento.

Faço essas avaliações após ter ouvido minha banca avaliadora composta pelas professoras Gabriela Lírio e Maria Inês Galvão, junto com a minha orientadora, que levantaram questões muito importantes a serem consideradas para a continuidade do espetáculo. Dentre elas destaco algumas que gostaria de repensar para aprimorar. Em primeiro lugar, a interação com o público, algo que realmente precisa de prática e investigação para se estabelecer. Como seria possível inserir o espectador ainda mais nessa cena? Nesse sentido, gostaria de experimentar novas disposições da plateia e outros mecanismos. O segundo ponto foi sobre o cenário que, por vezes, era apenas decorativo e atrapalhava algumas movimentações. Pretendo readaptar os elementos investigando maiores funcionalidades, assim como sua distribuição no espaço. A terceira sugestão se referia a um estudo maior e entendimento sobre o texto. De que maneira as situações ficam mais claras e as passagens de tempo mais explícitas para os atores e, conseqüentemente, para quem assiste?

Apesar de ter tido momentos confusos e das angústias que passamos durante o processo de construção, *Que parte de nós* foi também clarificador de diversos aspectos do meu trabalho. Aprendi sobre os meus modos de produção e firmei ainda mais meus ideais como artista e profissional de teatro. O resultado final foi bastante satisfatório com um importante retorno do público que nos relatou suas experiências de forma muito positiva. Fico extremamente feliz de me despedir da graduação em Direção Teatral com esse espetáculo e rodeada de pessoas pelas quais tenho enorme afeto e admiração. Atingimos um difícil equilíbrio entre leveza e densidade, como pontuou a orientação durante a banca, e tivemos êxito em tratar tal temática sob novas perspectivas.



Foto 25 – Apresentação XIX Mostra de Teatro da UFRJ. Foto: Luana Vidinha.



Foto 26 – Apresentação XIX Mostra de Teatro da UFRJ. Foto: Luana Vidinha.



Foto 27 – Apresentação XIX Mostra de Teatro da UFRJ. Foto: Luana Vidinha.



Foto 28 – Apresentação XIX Mostra de Teatro da UFRJ. Foto: Luana Vidinha.



Foto 29 – Apresentação XIX Mostra de Teatro da UFRJ. Foto: Luana Vidinha.



Foto 30 – Apresentação XIX Mostra de Teatro da UFRJ. Foto: Luana Vidinha.



Foto 31 – Apresentação XIX Mostra de Teatro da UFRJ. Foto: Luana Vidinha.



Foto 32 – Apresentação XIX Mostra de Teatro da UFRJ. Foto: Luana Vidinha.



Foto 34 – Apresentação XIX Mostra de Teatro da UFRJ. Foto: Luana Vidinha.



Foto 35 – Apresentação XIX Mostra de Teatro da UFRJ. Foto: Luana Vidinha.



Foto 36 – Equipe completa de *Que parte de nós*. Foto: Rosangela Arrabal.

ANEXOS

1. Trecho de cena da primeira versão do texto

[Quatro amigos em um café. O clima é de melancolia. Virginia, Gael e Bruno conversam no sofá. Bárbara está isolada, atrás do balcão. Ela fala de si na terceira pessoa, para a platéia, que são também seus clientes.]

Bárbara - Sozinha, no café. Saturação baixa. A imagem que vocês estão vendo é quase sépia. O mundo dela congelando de uma forma bem cinematográfica. Quase um slow motion ajudando a criar melancolia: Cada gesto rouba a atenção. Cada gesto é meio vacilante. Vocês sabem que alguma coisa aconteceu. Dá para sentir no clima. Vocês ainda não sabem bem o quê. A luz está criando um contraste, o rosto dela não aparece por completo. Mistério. Esquisito.

E então começa uma trilha sonora triste. Um blues baixinho que vai crescendo com a cena... *[Escuta a música. Reage a música.]* Ou talvez uma música brasileira, um violãozinho de bossa nova na versão dublada do filme... *[Escuta a música. Reage a música.]*

A câmera se aproxima.

Um plano bem próximo do rosto, um close-up. Vemos que a personagem está atordoada e que pela sua expressão ela não sabe o que vai acontecer dali pra frente. É possível ver ansiedade em seus olhos. No movimento dos seus dedos passando nos cabelos.

Vocês ficam com ela de alguma forma.

Acho que quase se compadecem dela.

Ou estão apenas curiosos.

[Bruno lê uma página do Wikipédia em seu smartphone.]

Bruno - O bolor ou mofo é uma designação comum dada a fungos filamentosos que formam estruturas semelhantes a cogumelos. Eles vivem principalmente em lugares úmidos e escuros.

Gael - Continua.

Bárbara: Nosso café fecharia em novembro. Eu já era só saudade em agosto.

A saudade é tipo explosão no cinema.

Pra gente mostrar a explosão a gente precisa de efeito especial. A gente precisa do som da explosão. Das luzes todas. Da fumaça. Daquela sensação de fim do mundo. Do personagem voando pela janela do carro. Dos machucados. Do rasgo na tela. A saudade também é som, é movimento. É rasgo na tela.

Bruno - Bolores crescem sobre pão velho, frutas podres, couro, madeira, papel e muitos outros materiais.

Gael - Tá vendo. Muitos outros materiais. Eu sabia.

Virgínia - Isso não diz nada sobre espuma.

Gael - Vocês preferem negar a realidade...

Bruno - A realidade é que você é meio fresco.

Bárbara - Eu estava arrumando as louças, nada demais, como se fosse um dia normal. Mas hoje o barulho irritante que a xícara faz quando bate no pires fez ecoar tudo aqui dentro. Hoje foi diferente. Primeiro ecoou nos órgãos, todos meio embrulhados e meio ácidos. Depois foi a vez dos músculos, exageradamente tensos. E então, o som ecoou na pele, nos pelinhos eriçados, na sensação de arrepio. Depois reverberou nos móveis, todos meio bambos. E no mármore mais gelado que o normal. Ecoou nos rodapés descascados e nas maçanetas antigas. Meu corpo se lembrou de todas as rachaduras que eu fiz em todas as xícaras daquele café, e que em breve isso não aconteceria mais.

2. Ficha Técnica

QUE PARTE DE NÓS

de Lane Lopes

Direção: Fernanda Arrabal

Classificação indicativa: Livre

Sinopse: Uma cafeteria reúne quatro amigos. Ao receberem uma notícia inesperada, começam a compartilhar suas memórias sobre despedidas que aos poucos vão se misturando à história do lugar.

Orientação: Lívia Flores

Assistência de direção: Taís Trindade

Elenco: Augusto Semensatti, Maria Eduarda Moreira, Mika Macedo e Taís Trindade

Iluminação: Gabriel Medeiros, Igor Viriato e Pedro Barroso

Cenografia: Gabriela Chagas

Assistência de cenografia: Luiz Fernando Rainer, Luisa Manzi

Orientação de cenografia: Andréa Renk

Figurino: Alexia Leika

Assistência de figurino: Ariadne Costa

Orientação de figurino: Raquel Azevedo

Direção de arte: Jefferson Santi

Produção: Taís Trindade e Gustavo Brasil

Preparação corporal: Brenda Monteiro

Orientação de preparação corporal: Lígia Tourinho e Maria Inês Galvão

Pesquisa sonora: Rudá Sánchez

Imagens: Brenda Monteiro, Fernanda Arrabal e Luana Vidinha

3. Texto Expressões

Nunca fui boa com despedidas

“Do que é ruim eu me esqueço

O bom eu quero mais

Na tristeza eu quero avesso

Agora quero paz

Saiba que todo fim

É um recomeço

Pra nossa vida quero amor

O resto eu desconheço”

Indiferença- Móveis Coloniais de Acaju

Sempre que penso sobre esse processo, uma retrospectiva do ano de 2018 se passa na minha cabeça. Marielle Franco assassinada, intervenção militar no Rio de Janeiro, campanha e período eleitorais de clara ratificação de extremos. Um ano enorme, em que tivemos que nos reinventar, adotar novas estratégias, descobrir formas de lutar, de posicionar nossos corpos frente aos discursos LGBTQfóbicos, machistas, racistas e fascistas legitimados. A partir da experiência e observação de despedidas pessoais, coletivas e sociais, contextualizadas exatamente nesse período, nasce o desejo de entender a nossa forma de organização em relação às despedidas.

Cada um de nós tem um jeito próprio de encarar momentos de morte, seja ela literal ou figurada. Uns se trancam em casa durante 3 dias sem nenhuma comunicação. Alguns falam muito. Outros calam. Tem gente que dança. Mas parece que existe quase sempre uma visão estigmatizada, uma percepção pesada, triste e melancólica, apesar de ser a morte nossa única certeza e o que há de mais natural na vida. Será que existe uma maneira mais leve de vivermos as despedidas?

É certo que as despedidas compreendem alguma transformação. Assim, surge a necessidade de criar narrativas que nos façam entendê-las, a pulsão de gerar algum material que dê conta do adeus. Um desejo de encenar o afeto que empregamos nas partidas. Uma urgência de falar sobre empatia, amor, na tentativa de recuperar a

possibilidade de união para construir alternativas à violência e ao ódio com os quais convivemos cotidianamente.

Sem ignorar que nossas rupturas de relações sejam doloridas, olhemos atentamente os impulsos para novos movimentos e formas de vida, oportunidades de renascimentos e recomeços. Que possamos nos abrir a novas perspectivas. Acredito que o teatro compreende essa habilidade de reinvenção e transformação constantes. A arte que promove resistência a partir do encontro, desde a sala de ensaio até o palco e a plateia. Me despeço da graduação com esse espetáculo que é nosso encontro para a celebração do processo de transição, memória, movimento e aceitação de mudança.

A gente começa em um café, esse grande ponto de encontro...

4. Dramaturgia final

que parte de nós

(ou: o cheiro de mofo empestou toda a sala)

por Lane Lopes
idealização Fernanda Arrabal

M E N U

1. CAFÉ COADO R\$ 4,00

[No café de Bárbara. Bárbara no presente, descreve uma foto para seus clientes, que são também o público. Virgínia, Gael e Bruno habitam o mesmo café em um tempo passado.]

[Presente]

Bárbara: Na foto eu tô bem aqui, sentada no sofá, com essa roupa que nem existe mais. Minha coluna tava inclinada pro lado, fazendo um esforço desnecessário para tentar caber na foto. Meus olhos estão brilhantes. Eu estava me sentindo muito feliz, apesar de estar totalmente torta, molhada, com cheiro de mijo e segurando um cachorro quente que eu vomitaria horas depois. Aqui é a Vivi, bêbada e encapetadíssima, mas já tinha perdido o tridente. E o chifre... e o rabinho também. Esse aqui do meu lado é o Gael, bêbado. Parece muito fofo ele fantasiado de abelhinha com a cabeça apoiada na minha, mas ele tá só cansado. Na mão dele uma placa frente e verso: “As abelhas estão em risco de extinção, acorda Brasil!” do outro “Me chama de abelha que eu te mostro meu mel”. Já sentadinho no chão é o Bruno. Bêbado também. Ele estava sem camisa e eu não consigo me lembrar do que ele tava fantasiado. De hétero talvez.

É bom que quem chega aqui já entende que pode ficar à vontade também. Tirar o sapato, rir alto, ouvir o som dos passarinhos, e olha que nem precisa pagar couver artístico. E aproveitar pra comprar um combo de 29,90 que inclui um delicioso chá gelado, diversos sabores.

Essa foto também fica aqui para eu lembrar que tem carnaval ano que vem de novo.

Que o mundo gira. Que a ressaca passa.

Eu preciso contar uma coisa pra vocês.

[Passado]

Gael: Não sei. O que é isso aqui, Bruno?

Bruno: Café...?

[Presente]

Bárbara: Abri o café no dia 23 de agosto de 2008. O mundo em uma crise nova e o brasileiro na contramão comprando carro, carne, geladeira.

Bruno: Mírame, yo quiero un billet de avión para Argentina, por favor.

Virginia: Hola chico, vamos viajar de avión com nossos reales!

Bárbara: Se minha véinha estivesse viva ia chorar de alegria me vendo dona de mim. Doía muito nela me ver virando as noites de garçonete nos bares, sendo tratada que nem/

[Passado]

[Gael parece procurar algo no sofá]

Gael: Mofo. Tá mofado isso aqui.

Bruno: Gael, a menina ali. *[olham para Virginia]*

[Presente]

Bárbara: Era manhãzinha quando eu chegava. Às vezes a véinha me esperava chegar. As vezes eu trazia o pão pro café.

[Passado]

Virginia: Tava passando e a porta tava aberta. Abriu há pouco tempo?

[Presente]

Bárbara: Quando ela se foi, eu entendi o recado. Entendi que era hora de esquentar a minha janta e a de vocês. E de fazer meu dinheiro com isso. Agora falando sério. *[Véinha]* Mete la cara, mujer.

[Passado]

Virginia: Vende cerveja aqui?

Gael: Eu não trabalho aqui.

Bruno: *[gritando]* Bárbara, tem cliente!

[Presente]

Bárbara: Com a poupança, mais a pensão que a minha véinha deixou e mais um empréstimo...

[Passado]

Gael: Meu nome é Gael. O seu?

[Presente]

Bárbara *[comemora]* Porra!

[Passado]

Virginia: É Gael mesmo ou é apelido?

Bruno: Bruno. Prazer

[Presente]

Bárbara: Seja bem-vindo, pode ficar à vontade, se quiser tirar o sapato... *[ouve o som de pássaro]* ó, esse é o Tiê, tá sempre por aqui cantando.

[Passado]

Bruno: Vocês querem tomar uma cerveja depois do expediente dela?

[Presente]

Bárbara: *[para alguém]* Você acha que rosa combina com essa parede?

[Passado]

Gael: Não

[Presente]

Bárbara: Vocês já são de casa!
Quer pedir alguma coisa?

[Passado]

Virginia: Eu quero.

[Presente]

Bárbara: As pessoas iam chamando outras, que iam chamando outras... Casa cheia.
Nada me deixava mais feliz.

[Passado]

Bruno: Vou ter que deixar fiado hoje, amiga.

[Presente]

Bárbara: Você pode se servir, tem um sofázinho ali também...

[Passado]

Gael: A gente precisa falar para Bárbara que esse sofá tá apodrecendo.

[Presente]

Bárbara: Dez anos passam quase correndo. Tudo vai ficando mais caro. As pessoas param menos para tomar café. O bairro se esvazia. O Rio falido e tudo parece ter sido sorte.

[Passado]

Bruno: É a crise.

Gael: É o mofo.

Bruno: Eu falo para a Bárbara, a gente tem que aproveitar as crises para se reinventar, sabe?

[Presente]

Bárbara: Não sei como vou pagar o aluguel esse mês.

[Passado]

Bruno: Eu disse para ela, se eu fosse você eu começava a vender temaki...

[Presente]

Bárbara: Eu preciso contar uma coisa para vocês.

[Passado]

Gael: O sofá.

Bruno: Aí, de novo não, Gael.

Gael: Isso afasta as pessoas daqui...

Virgínia: Eu não to sentindo cheiro nenhum.

Gael: Você tem desvio de septo.

Virginia: Eu já operei.

Bruno: Sim, você tem razão. O sofá está apodrecendo.

Gael: Ué. Agora você concorda?

Bruno: O sofá está se desfazendo. Todos nós estamos. Eu, você.

Gael: O que isso significa?

[Presente]

Bárbara: *[gritando]* Já vou!

[Passado]

Bruno: Você deve estar trocando de pele nesse momento.

Gael: O sofá não tá trocando de pele. Não vai nascer um tecido novo nele. Ele está apodrecendo. Se decompondo. Vocês estão fingindo que não sentem.

Virginia: Bem, eu tenho desvio de septo.

Bruno: Então quando as coisas começam envelhecer a gente simplesmente descarta, isola, põe no asilo, joga fora, queima. É simples. A gente só usa as coisas e acabou.

Gael : Eu não disse isso.

Bruno: Fica produzindo, produzindo e joga tudo fora.

Gael: Eu não disse/

Bruno: Vai fazer o que com esse sofá então?

Gael: Por que tanto apego a esse sofá?

Bruno: Simplesmente porque não existe cheiro de mofo aqui.

Gael: Bruno, desejar muito que uma coisa não exista não faz com que ela suma.

Bruno: Do que você tá falando?

Gael: Você pára. Não é possível que vocês não sintam esse cheiro forte de mofo aqui. Esse cheiro invade toda a sala. Sempre teve, um pouquinho. Uma brisa leve. Depois foi aumentando, com o tempo. Bárbara, você, por favor, vem aqui, faz alguma coisa. Vem cá, quando você comprou esse sofá, ele tinha ou não tinha cheiro de mofo? O mofo não é uma opinião, que eu tenho e você não. Ele é um fato. É algo que existe, científico. É tipo a terra ser redonda. O mofo não é relativo. Ele não é um sentimento. Ele é uma reação química. A umidade existe, o escuro existe, o tempo existe. O mofo ele é consequência. O mofo é um fim que acabou de começar.

2. GELADEIRA MOFADA.....R\$ 5,00

Geladeira: Correntes elétricas passando. Luz acesa. Em dia. Frescor muito antes do FrostFree. Emissão de CFC, sim, mas na época todo mundo usava. Era moda. Não me olha assim. Eu, funcionando muito bem. O sol entrava pelo basculante, e o ar circulava pouco, mas tudo bem, servia, para uma cozinha. Servia. Oxigenava. Eu, estalando de madrugada. E durante o dia: um vai-e-vém. Um fluxo de pessoas. Bafo quente. Eu, da cor da mesa. Eu, funcionando bem. Ossos lubrificados. Nada rangia. Prateleiras cheias. Lotadas. Várias cores, caixas, tupperwares. Muito plástico. Era moda. Não me olha assim. Latinhãs de cerveja alternando com sucos de caixinha de acordo com o dia da semana. Eu amava. Boemia. Divertia a todos. Me divertia. Eu, funcionando bem. Eu, combinando com o armário. Eu, na primeira queda de energia. Eu, na segunda queda de energia. Eu, no segundo mandato do FHC. Correntes elétricas passando com dificuldade. Dia sim, dia não. Eu, à luz de velas. Eu, funcionando. Eu, descascando. Eu com um suporte pra alça feito de tricô. Eu com um suporte de tricô encardido. Eu molhando o chão da cozinha. Eu com um pano de chão como tapete de entrada. Zona escorregadia. Eu bamba. Caixas derrubadas. O barulho do plástico. Eu, melada. Eu, com cheiro de mofo. Eu, vendo a cor da mesa nova. Eu, fora de moda. Eu, estalando de madrugada. Uma última vez.

[Mãe e Pai conversam]

Mãe: A gente fala que ela foi pro hospital e ficou. E ela vai ficando, até que um dia ele não se lembre mais da presença dela.

Pai: Ele é uma criança, não um peixe, Marta.

Mãe: *[Como se dissesse pro filho]* É que ela ainda não tá recebendo visita, meu filho.

Pai: Podemos dizer que ela se mudou para um sítio. Para ir morar com todos os cachorros que foram pra lá.

Mãe: *[Como se dissesse pro filho]* Exatamente. Ela tá cuidando do Nelsinho, da Juliete. Disse que a Juliete continua pulando mesmo sem uma pata!

Pai: Que ela foi fazer um curso de culinária. Isso vai deixar ele empolgado. *[Como se dissesse pro filho]* Imagina o rocambole dela agora, filho, como não vai ficar gostoso.

[Som de geladeira estalando. Gael, com seis anos, dormindo dentro da geladeira, acorda com sons que vem de fora. Seus pais gritam. Ele tenta ouvir o que eles dizem.]

Gael: Ainda não me encontraram. Não vão. Quando eles me encontrarem eu já vou ter congelado de vez. Como a vovó. Mas... Não era para ser quente aqui. Tem alguma coisa errada. Ge-la-dei-ra. Gelado. A minha mãe queria jogar a geladeira fora, mas a vovó dizia que se funciona não tem porque jogar fora. A vovó sempre falava a verdade. Minha mãe diz que verdades são para gente grande. Eu não queria esperar ficar grande, então corria para vovó. Vovó que me disse da onde vem os bebês e que papai Noel é só uma invenção dos shoppings. Então eu fico com a vovó. Nela eu acredito. Uma hora essa geladeira vai gelar.

E eu vou congelar. Pra sempre!

[Pai e Mãe]

Mãe: Perseguição política. Que ela fugiu e não teve tempo para se despedir.

Pai: Não, fugir não. A gente não pode enfraquecer a imagem que ele tem dela.

Mãe: Então sugere uma ideia melhor, Augusto.

Pai: Que ela foi para guerrilha. Revolucionária.

Mãe: Com 74 anos?

Pai: *[Como se dissesse pro filho]* Não existe idade para lutar. A gente precisa seguir o exemplo daqueles que foram corajosos por nós.

Mãe: Daí ele foge com 6 anos, vai atrás dela e a culpa é sua/

[Geladeira]

Gael: Às vezes parece que eu escuto o barulhinho do chinelo que a vovó faz...zia. Então presto atenção e descubro que é uma coisa que não é ela. Será que eu tô dormindo agora? Não sei mais o que é sonho e o que não é. Eu já estou tanto tempo aqui que é como se o mundo fosse uma invenção da minha cabeça. Só existe esse escuro e essa posição quadrada.

Tudo é só. Um tempão.

[Pai e Mãe]

Pai: Que ela resolveu ir pra faculdade com 74 anos. Saiu do interior.

Mãe: Ela faria isso.

Pai: Qual curso?

Mãe: Pedagogia, com certeza. Amava ensinar.

Pai: E se ela arrumou um amante?

Mãe: Se casou de novo, você quer dizer?

Pai: Que ela virou hippie de vez.

Mãe: Hippies não se despedem?

Pai: Não sei o que hippies fazem.

Mãe: Religião. Por religião.

Pai: Hippies tem religião?

Mãe: Temos que pensar nas respostas para todas as perguntas possíveis.

Pai: *[Como se dissesse pro filho]* Filho, eu não sei. Nunca me perguntei sobre a religião dos hippies.

Mãe: A imaginação dessas crianças...

[Tempo]

Já era para eu ter congelado. Só se a gente congela e continua pensando. Isso seria horrível. Eu ia ficar muito chateado com Deus. Nada ia me fazer perdoar Deus, nem a vovó. Porque é injusto. Eu só queria que fosse embora. Os pensamentos.

[Pai e Mãe]

Mãe: Ela não se despediu porque ela não gosta de chorar. É isso. Ela quer se mostrar forte o tempo todo.

Pai: Não acho justo. Acho egoísta.

Mãe: Você acha que ela foi egoísta?

Pai: Negar a despedida dessa forma. Ela tinha que ter dito adeus para ele.

Mãe: Ela não tinha que fazer nada. Nem todo mundo quer passar por isso.

Pai: Não é questão de querer.

Mãe: Algumas coisas só terminam. Você é muito burocrático.

Pai: Isso explica muito o verão de 89.

Mãe: Eu já te disse que enviei a porra de uma carta.

Pai: Se ela nunca chegou como eu vou saber se é verdade?

[Tempo]

Será que a geladeira não gela fora da cozinha? Eu acho que nunca vi uma geladeira fora da cozinha antes. Será que colocar as coisas no porão faz com que elas funcionem ao contrário?

Será que esse tempo todo, eu não tô congelando, eu só estou esquentando mais?
Como eu sou burro.

Eu só estou esquentando.
Por isso todos os pensamentos...!

[Pai e Mãe]

Mãe: E... se ela tiver sido assassinada?!

Pai: O que?!

Mãe: Ele teria alguém para odiar. Alguém que fosse concreto, pessoal. Um rosto. Como você, que me odeia e vivemos assim há anos. Tem algo para se segurar. Isso te satisfaz, não satisfaz? Não te faz seguir? O ódio é motor. A melancolia ela é inútil. A gente precisar de um rosto pra a dor dele, pra gente resolver isso da melhor maneira possível.

Pai: *[Desconsertado]* Filho, sabe a vovó? Transformaram ela numa estrelinha e agora ela tá lá no céu olhando por nós.

Mãe: O que você acha?

Pai: Se a gente achar um culpado pra morte dela...

Mãe: Alguém que não seja o tempo.

Pai: Aquele desgraçado.

Mãe: O que você acha?

Pai: Assassinararam. Um horror. Meticulosamente, na calada da noite. Pé ante pé... Alguém, tomando cuidado para não esbarrar em nenhuma quina de nenhum móvel, abrindo a porta, essa porta range, então ele abre devagar. Ele visualiza o corpo dela, deitado. Respirando, a boca aberta, desdentada. A jugular, à mostra. Ele é certo.

[Aos poucos, vão se exaltando]

Mãe: Sem culpa, sem despedida.

Pai: Se a gente achar um culpado...

Mãe: Vai justificar tudo. Um nome, um rosto.

[Geladeira. Gael começa a chorar. Sente saudade da Vó e percebe que nunca mais vai vê-la. Se sente sozinho.]

Gael: Esse gosto é muito ruim. Minha saliva tá com gosto de geladeira. Meus cabelos tão com cheiro esquisito. Não sei que cheiro é esse. Parece que tá saindo de mim, esse cheiro.

[A geladeira desligada, estala]

Vovó? É você?

[Barulho de chinelo]

Vovó, se for você, acende a luz. Por favor.

[Pai e Mãe]

Pai: *[Entonação jornalística]* O criminoso parou a Avenida nessa sexta-feira, rendendo reféns/

Mãe: Ai meu deus!

Pai: Estamos identificando o alvo, comandante.

Mãe: Efeitos especiais. Sonorização.

Pai: Identificamos nosso filho da puta, comandante.

Mãe: Clamo por justiça!

Pai: *[Entonação Jornalística]* A polícia chega com reforços.

Mãe: Preparados contra o meliante.

Pai: Som de helicóptero voando baixo.

Mãe: Som de criança chorando.

Pai: Alguém xinga do outro lado.

Mãe: Mata! Tem que matar!

Pai: A velhinha começa a espumar.

Mãe: Aquele desgraçado.

Pai: Pela memória da senhora sua mãe.

Mãe: Mata ele!

[Geladeira]

Gael: Eu preciso fazer xixi. Droga, droga. Desculpa vó.

Agora eu nunca mais vou aprender a fazer bolo. Ou palavra cruzada. Aquele dia você tentou me ensinar e eu fingi que entendi, mas eu não entendi nada. E eu nunca vou trabalhar, porque você disse que ia me ajudar a escolher uma profissão. O meu pai disse para eu ser engenheiro, mas eu não quero usar capacete amarelo. Eu queria ser astronauta, mas minha mãe falou que é coisa dos Estados Unidos. E agora você não tá mais aqui pra falar se isso é verdade ou mentira. Então agora tudo que eu aprender vai ser mentira. Porque eu acreditei que a geladeira congela e eu acreditei que eu não ia ter pensamentos e nada disso aconteceu. E eu tô aqui tem muito tempo. Eu quero fazer xixi. Eu vou ter que sair. Eu preciso fazer xixi. Eu não consigo te encontrar agora. Eu ainda tô muito quente.
Me desculpa, vovó.

[Ele sai. A luz da geladeira acende]

3. ELEFANTE FRED R\$ 7, 00

[No café]

Bruno: Gael, o que foi que você disse?

Virginia: *[Falando com alguém da platéia]* Eu não trabalho aqui, fala com ela.

Bárbara: *[Para alguém da platéia]* Posso ajudar?

Bruno: Gael, o que foi que você disse?

Gael: Que desejar muito que uma coisa não exista não faz com que ela suma. As coisas continuam existindo independente de você. Como um elefante debaixo do tapete. Você pode tentar ir até a cozinha, abrir a porta da frente. Mas sempre vai tropeçar no elefante. E vai colocar a culpa no tapete. Vai dizer que é o assoalho. Vai achar que é o seu pé torto. Mas é um elefante. Enorme. Morto. Fedendo. Chamado Fred. Moscas em volta. Manchando seu piso. Desvalorizando o imóvel.

Virginia: Já deu pra entender, Gael.

Bárbara: *[Para alguém da platéia]* Não, aqui a gente não vende Corote. Cerveja, serve?

Bruno: Não deu pra entender não. Você tá se referindo a minha gata, Gael?

Gael: Por que você acha isso?

Virgínia: Bruno... o que o Gael tava querendo dizer é que você geralmente tem uma dificuldade de aceitar as coisas, ele não está se referindo a nada específico.

Bruno: A minha gata não estava fedendo!

Gael: Eu não estava falando do seu gato!

Bruno: O nome dela era Abigail e você sabe disso.

Virginia: Cala a boca, Gael.

Bruno: *[para si]* Todo mundo tem os seus processos, isso é completamente normal.

Gael: Negar as coisas não é um processo, é o contrário de um processo! *[Para outra pessoa da platéia]* Eu não trabalho aqui, fala com ela.

Bárbara: Tá tudo bem por aqui? *[Para alguém da platéia]* Não, não vai passar o brasileiro aqui, mas no outro lado da rua, tem um buteco ótimo/

Bruno: *[para si]* Ele não é meu psicanalista e eu não devo explicação para ninguém.

Gael: Acho que não precisa ser um psicólogo para saber que a gente precisa enterrar animais mortos.

Bárbara: Pelo amor de deus, fala baixo.

Bruno: Gael, eu trabalho em tempos de três, ok? É só isso. Eu precisava desses três dias com ela para entender que ela se foi. É o meu processo!

Gael: Ela estava morta!

Bruno: Ela ainda estava quentinha!

Gael: Você é doente!

Virgínia: *[Desconversa]* É, o meu processo por exemplo é chorar por um dia inteirinho, chorar tudo que tiver que chorar, e dia seguinte tô ó, leve.

Bruno: Vocês não podem falar nada, vocês nunca tiveram gatos.

Bárbara: Eu já tive a Soninha.

Virginia: Daí no segundo dia eu danço. Danço igual uma maluca, tento mandar as energias ruins embora/

Bruno: Virginia, não muda de assunto.

Gael: *[Para Virginia]* Isso porque você é privilegiada e consegue faltar o trabalho para chorar e ficar se lamentando, tem gente que não tem nem isso.

Bruno: Quem agora tá fugindo das coisas, em Gael? Você não falou da Abigail? Então vamos falar da Abigail. Vamos falar desse tal elefante branco!

Gael: Ele não é branco, ele só tá debaixo do tapete.

Bárbara: Bruno, essa é uma outra expressão. Tem duas expressões com elefante. A do elefante branco e do elefante debaixo do/

Gael: O que você quer falar dela? Eu já tô satisfeito, mas se você quiser falar, estamos aí.

Virginia: Como assim eu que sou privilegiada e posso faltar o trabalho? E se eu tiver chorando dentro do ambiente de trabalho, o meu sofrimento vai ser mais legítimo pra você?

Bárbara: Virgínia, o que o Gael quis dizer é que nem todo mundo tem a possibilidade ou a disponibilidade de sofrer, de se despedir. Que até isso é um privilégio.

Bruno: Engraçado que a gente sempre precisa de alguém para traduzir o que o Gael diz, nunca dá para entender sozinho...

Bárbara: *[começa a refletir]* Que merda.

Gael: Bruno, você poderia ter empalhado ela. Sabe, tipo em filme de terror?

Virginia: Por que a gente é amigo do Gael, mesmo?

Bruno: Foi a Bárbara que nos coagiu.

Gael: Vocês me adoram porque eu trago a lucidez para esse grupo.

Bárbara: *[refletindo e balbuciando consigo mesma]*

Virginia: Você tá falando sozinha, Bárbara?

Bárbara: Gente, eu preciso falar uma coisa para vocês.

Virginia: O que foi?

Bruno: Fala, amiga.

Bárbara: Tão me chamando ali atrás?

[Todos olham pro mesmo ponto]

Virgínia: Hm...acho que é um sinal sim.

Gael: Fala primeiro o que você ia falar.

Bárbara: Eu/

Bruno: Acho que a pessoa tá um pouco desesperada.

Virginia: Ela tá levantando o prato?

Gael: Parece que sim.

Bruno: Amiga, ela vai subir na mesa/

Gael: Fala logo o que você ia falar.

Virginia: Eu tô ficando um pouco assustada/

Bruno: Meu deus.

Bárbara: Eu tenho que ir, outra hora a gente conversa, fiquem de olho no balcão pra mim.

Gael: Saco.

Bárbara: *[Vai até a cliente correndo]* Oi. Tô aqui! Tô aqui!! Me chamou? Deseja alguma coisa?

4. OVO MEXIDO R\$ 5,50

[Suspensão. Flashback. Virgínia e Gael saem.]

Bárbara: Boa noite. Deseja alguma coisa?

Bruno: Oi, Boa noite. Um ovo mexido, por favor.

Bárbara: Beleza. Qual seu nome?

Bruno: Bruno. E o seu?

Bárbara: Bárbara. Deseja mais alguma coisa?

Bruno: Só um ovo mexido mesmo. Com um fio de azeite por favor. E pimenta, orégano. Por cima. E quando a gema se misturar com a clara eu queria que você fizesse esse movimento com a espátula. Despedaçando dessa forma, como se estivesse dando soquinhos na frigideira... suavemente. Seguindo essa cadência. Entende? Não pode demorar muito também, o tempo é importante. A cor ideal é um amarelo, como se diz... um tom de amarelo aberto... amarelo ovo, mesmo. Quando tiver desse tom, um pouco brilhante eu acho... aí sim. E ah, se puder fazer uma apresentação num prato azul, acho que o contraste fica muito bonito. E uma folhinha de manjeriço para apresentar.

[Silêncio]

Bárbara: Mais alguma coisa?

Bruno: Você anotou a cadência? Da espátula..?

Bárbara: Eu acho que entendi.

Bruno: É importante lembrar. Se quiser eu posso ir junto te ajudar.

Bárbara: Eu entendi sim. Pode se sentar.

Bruno: Obrigado. *[Pausa]* Bárbara, né?

Bárbara: Isso. Já volto.

Bruno: Ah! Bárbara?

Bárbara: Oi.

Bruno: Uma coquinha também.

Bárbara: Certo.

[Ela sai. Ela volta.]

Bárbara: Espero que esteja do seu gosto.

Bruno: Está lindo.

Bárbara: Gravei a cadência.

Bruno: Que carinho.

[Bárbara fica constrangida]

Bruno: Obrigado.

Bárbara: Mais alguma coisa?

Bruno: Você se sentaria comigo?

Bárbara: Eu...

Bruno: O café tá vazio.

Bárbara: A gente já vai fechar.

Bruno: A gente pode dividir.

Bárbara: Eu... tenho que... lá. Dentro.

Bruno: Tudo bem.

[Ela sai. Ela volta.]

Bárbara: Talvez um pouquinho. Se você ainda quiser dividir.

Bruno: Aqui. Senta.

Bárbara: Queria muito provar.

Bruno: Você não prova as comidas que faz?

[Silêncio]

Bruno: Fala a verdade.

Bárbara: Às vezes, eu provo. Mas esse não deu. Ovo mexido é meio pessoal.

Bruno: Tá muito bom.

Bárbara: Nem percebi que eu estava com essa fome. Vou trazer pão para gente. Você quer?

Bruno: Pão francês?

Bárbara: Acho que ainda tá crocante.

Bruno: Perfeito.

Bárbara: Aqui.

Bruno: Beleza.

[Aos poucos o silêncio se torna constrangedor. Começam a emitir sons de constrangimento, como se dessem continuidade a um assunto que não existe]

Bruno: ãhn.

Bárbara: E aí?

Bruno: É.

Bárbara: O que?

Bruno: Uhm...

Bárbara: ãrrã.

Bruno: *[Funga]*

Bárbara: *[Tosse]*

Bruno: Eu odeio gente sistemática.

Bárbara: Ah.

Bruno: Eu não sou essa pessoa.

Bárbara: Tudo bem.

Bruno: Eu não... me desculpa.

Bárbara: Não acho que/

Bruno: Eu não ligo para apresentação. Eu só queria saber como é. Se outra pessoa consegue fazer desse jeito assim. Que ele fazia. E não é igual. Mas não que o seu não seja bom. É uma delícia. Delícia. Eu amei. Tudo. O jeito como você corta. Assim de lado. O jeito preguiçoso que você usa o garfo como se fosse faca. É mais bonito até que o jeito dele. Quer dizer. Eu também acho. Melhor. Quando não suja outro talher. A faca, no caso. Só usa o garfo. Eu adoro não usar faca porque parece que eu tô debochando dele. Sabe? Como se eu tivesse desonrando a memória dele. Não sei. Não que ele tenha morrido. Ele não morreu. A gente fala de relacionamento no passado, né? Como se tivesse morrido. Ele era. Ele foi. Ele usava. Não. Ele ainda é assim. Deve ser. Ele ainda corre na lagoa. Provavelmente. Ele ainda usa Rider porque não gosta da tirinha da havaianas. Eu acho. Desculpa. É que realmente não foi igual. Ele teria dourado mais o ovo. Mas a culpa não é sua. Ele que é sistemático. Eu não sou. Eu só. Só queria saber como é. Eu também não consigo. Ele não gostava do jeito que eu fazia. Eu. Acho que ele mentia. Sobre tudo. Sobre ovos mexidos e. Coisas. Descobri que ele reciclava poesia. Parece que todo mundo que ele transou já ouviu Neruda. Quanto foi isso? Eu preciso te dar uma gorjeta. Falei. Tanto. Tudo. E nem era uma poesia muito bonita. Não sei. Não entendo de poesia. As vezes eu finjo que entendo. Mas não. Acho bobo. Parece que se eu quisesse fazer uma poesia igual, eu também conseguiria. Não entendo qual a diferença entre poesias boas e ruins. Mas acho que a culpa é minha. Eu já joguei no google poesias neruda e apareceu essa. Não é nada demais. Desculpa? Era assim: Posso escrever os versos mais tristes esta noite. Pensar que não a tenho. Sentir que a perdi. Ouvir a noite imensa, mais imensa sem ela. E o verso cai na alma como ao pasto o orvalho. Que importa que meu amor não possa guardá-la. A noite está estrelada e ela não está comigo. Isso é tudo. Muito longe alguém canta. Muito longe. *[fim da poesia]* Tem mais. Mas não sei se você quer ouvir. Eu acho ruim. Mas ele recitou para mim quando a gente transou e eu chorei escondido. Acho que poesia só é bonita quando sai da boca certa. Na mesma cadência. Como ovo mexido. Tem que dar umas batidinhas. Nos. Lugares. Certos. Ele era bom nisso. E em tempero. Mas. Acho que era um sinal. A poesia. A noite estrelada e você não está comigo. Quem declama uma poesia sobre término na primeira noite? Isso é tudo. Quanto foi?

Bárbara: Por conta da casa.

Bruno: Obrigada. E então você me chamou para voltar amanhã.

Bárbara: Bruno. Você volta amanhã?

Bruno: Eu não entendi. Fiquei com medo de você ter achado que era um flerte.

Bárbara: Aquele ovo mexido definitivamente não foi um flerte.

Bruno: Voltar? Por que?

Bárbara: Para terminar a poesia.

Bruno: Ela é ruim.

Bárbara: Eu abri a porta para você, acenei. Fechei a porta de ferro. Abri um vinho. Queria ter tido coragem de te chamar para beber comigo.

Bruno: A gente acabou fazendo isso meses depois.

5. TAÇA DE VINHO..... R\$ 8,00

[Dançam abraçados. Virgínia e Gael acompanham. Bebem vinho e dançam.]

Virgínia: *[Estica o pescoço para ver]* Lá se foi o último cliente da noite!

Gael: Preparado?

Bruno: Não sei/

Virgínia: Você precisa passar por isso. Todos nós passamos, amigo.

Bárbara: Você vai sobreviver.

Bruno: Eu não sei se eu tô pronto.

Virgínia: Confia. Quase todo mundo que vai, volta.

Bruno: O que...?

[Gael se prepara. Levanta as mangas. Dá entender que algo vai acontecer. Bruno começa a chorar]

Gael: Agora manda embora de você esse demônio, Bruno. Escorre tudo em choro. Lava essa alma.

[Virgínia canta baixinho]

Virgínia *[cantando]*

Gael: Exorciza de ti de esse mal, pela força do senhor Jesus, pois se tu não fizeres, ninguém mais faz.

[Bárbara começa a cantar com Virgínia. Bruno está levemente embriagado.]

Bárbara e Virgínia *[cantando]*

Gael: Faz ele esquecer o cheiro da roupa dele meu senhor, faz ele desgarrar do travesseiro nessa noite. Que o nome desse ser ele não escute mais. Faço o teu querer, a tua vontade! Que todo /

Gael: Que toda a dor se transforme em força, meu senhor. Ele vai se levantar, ele vai se erguer e quando a foto rolar no feed da rede social ele vai cagar. CA-GAR. Tá me ouvindo? Em nome do senhor Jesus.

Gael: Amém!

Bárbara: Amém!

Virgínia: Amém!

Bruno: AMÉM!!!

Todos *[cantando]*

[Todos caem no sofá]

6. BOLO DE ANIVERSÁRIO R\$7,00

Bárbara: Shhhhhhhhhhh! Esconde a Virgínia.

[Retiram Virgínia de cena. Ela não entende o que está acontecendo. Voltam e agem como se nada tivesse acontecido.]

Bruno: Cadê a Vivi?

Bárbara: Foi tirar o lixo pra mim. Rápido, antes dela voltar!

Gael: Jesus, cadê o bolo?

Bárbara: Tá na geladeira, primeira prateleira.

Gael: Primeira de cima pra baixo ou de baixo pra cima?

Bárbara: Você vai ver quando abrir.

Bruno: Shhhh, ela tá vindo.

[Virgínia entra.]

Virgínia: Puta que pariu, que susto.

[Bruno, Gael e Bárbara cantam parabéns]

Bruno: E aí, filha da primavera, filha de afrodite, como se sente nesse ano novo, nessa revolução solar, nessa explosão de amor?

Virgínia *[desconcertada]*: Gente! Eu.... tô muito... feliz. Mas...

Bruno: Não acredito.

Gael: Não é hoje?

Bruno: Bárbara disse que tinha certeza que era setembro.

Bárbara: Eu achei que só podia ser em setembro...

[Bruno e Gael conversam em paralelo a Virgínia e Bárbara]

Bruno: Fazia sentido ser setembro, eu fiz um cálculo astrológico...

Virgínia: Uma hora vocês vão acertar, tenho certeza!

Gael: Faz todo sentido ser outubro, na verdade.

Bárbara: Dá uma dica. De que sabor é seu aniversário?

Bruno: O que você entende disso?

Bárbara: Frutas secas?

Gael: O que você entende de qualquer coisa?

Virgínia: Hm. Puro cacau, talvez?

Bárbara: Um expresso?

Gael: Casca de limão.

Bruno: Pó de gelatina!

Gael: Aqueles chicletinhos que explodem na boca?

Bruno: Isso!

Bárbara: Tá bom, gente, vamos tentar de novo.

Virgínia: Eu vou lá para fora então.

Gael: Mas vem esbaforida, você veio correndo porque você se atrasou, aconteceu alguma coisa, sei lá.

Virgínia: Beleza. E eu já sei que vocês vão fazer uma surpresa né? Ou não?

Bruno: Não, aí não tem graça. Você só desconfia.

[Virgínia sai]

Bárbara: Anda, alguém pega o bolo.

Gael: Onde tá?

Bárbara: Tá na geladeira, primeira prateleira.

Gael: Primeira de cima pra baixo ou de baixo pra cima?

Bárbara: Você vai ver quando abrir!

[Virgínia entra correndo. Eles ainda estão arrumando as coisas]

Virgínia *[disfarçando]*: Oi gente. Cara, vocês não vão acreditar, maior trânsito e tal.

Bruno: Porra Virgínia, que susto.

Bárbara: A gente ainda não terminou...

Virgínia: Merda. Então eu volto e entro de novo?

Gael *[entrando por último]*: Surpresa!!!

[Gael começa a cantar Parabéns. Bárbara e Bruno cantam atrasados, cantando um parabéns desafinado]

Virgínia: Pô, gente. Não precisava.

Bárbara: E então...?

Virgínia: Sim, vocês acertaram: eu gosto de côco.

Bárbara: E o seu aniversário? A gente acertou?

Virgínia: Não, eu não nasci em outubro também. Desculpa.

Gael: Porra, Virginia.

Bárbara: Décimo mês dessa merda.

Bruno: Não, tira a mão. Não vai comer também não.

Gael: Deu muito trabalho, a gente vai guardar pro mês que vem.

Virgínia: Mas... Mas... a graça é essa, cada mês um sabor diferente.

Bárbara: Tirem ela daqui. Levem ela para o calabouço.

Virgínia: O que? Bárbara, você não pode fazer isso.

Barbara: Ai, como é difícil comandar esse reino sozinha.

[Bruno leva Virgínia à força, enquanto Gael guarda o bolo]

Virgínia: Eu tenho direito de provar meu bolo!

Bárbara: Você não é merecedora!

Bruno: Pronto.

Gael: E então?

Bárbara: Mais uma vez. É isso. Eu não consigo parar de tentar. Tô viciada. Eu vou acertar qual foi o mês que essa piranha nasceu. Gael, o bolo está no congelador.

Bruno: Ai meu deus, ela tá vindo!

Gael: Apaguem as luzes.

Bárbara: É agora.

[Virgínia entra, cansada. Todos começam a cantar Parabéns em looping até se tornar constrangedor]

Virgínia: Bárbara, quando você ia contar pra gente que o café vai fechar?

[Silêncio]

Bárbara: Eu acertei, é novembro, não é?

Virgínia: Quando você ia falar que o café vai fechar?

Bárbara: É a sua cara nascer em novembro, sua cara.

Virgínia: Quando você ia falar que o café vai fechar?

[Um pássaro cai no jardim do café. O baque é grande. Todos correm para ver e ficam observando, em círculo]

Virgínia: Papai! O pássaro voou no chão!

7. CAIXA DE PAPELÃO..... R\$ 12,00

[Tempo. Suspensão]

Virgínia *[declama]*:

De anos eu não tinha mais que quatro

Não somava uma palma

Foi quando o passarinho teimou de cair no quintal da gente

Balançava a asinha cheio de trauma

Suas duas bolinhas enxergando o muro de frente

Essa coisa me deu uma coisa

Que não sei se estranheza ou simpatia

Mas minha boca abriu sozinha

E eu fiz a maior proeza que meu coração conhecia

Todos: “Papai! O pássaro voou no chão”

Bárbara: Ela correu que nunca pensou. Um choro subia esquisito parecia que quem se estatelou era ela, mas não era. Ela não tinha penas e tava lá correndo feito humana, o cabelo voando na vista.

Bruno: Papai quando viu ficou paradinho vendo ela juntar as letrinhas uma por uma. Ele se aprazia no enrolar de palavra da menina. Fingia que não entendia pra modo que ela repetisse.

Mas dessa vez não cabia sorriso. Ela ralhou com ele e falou:

Virgínia: “Papai, o pássaro, papai.”

Bárbara: E ele entendeu que era séria coisa.

Bruno: Papai quando viu nem ele acreditou. O passarinho tão tititinho agora existia um cado em sua mão. Ele carinhava a cabecinha, e logo alugou uma moradia numa caixa de papelão popular. O bicho se aninhava com o dedinho emprestado do pai, e ela entendia o cuidar pela primeira vez.

Bárbara: Por dias papai dava aguinha e semente. Ela pedia para ele chamar sempre que fosse hora, e ela ficava lá, servando tudo. Era logo que raiava o sol que ele dava de comer pro bicho, para ele não perder costume de pássaro, dizia. Se não, vai que virava humano, o bichinho?

Virgínia: Um dia eu acordei antes do papai. Acordei sozinha mesmo, numa aduleza que veio sem querer. É que senti uma dorzinha de dentro para fora, mas não doía de sangrar, doía de outra coisa. Levantei de um pulo só, pegando força na cama para pular para cozinha. E lá tava ele, o sarinho, lá em cima do papelão alugado. Mas dessa vez eu não sei. Dessa vez ele não se mexia, não mexia pena, vírgula, pio. Fiquei olhando para ele e chamando seu nome emprestado.

Todos: “Tombinho... Tombinho”

[A morte entra, interpretada por ator que faz Gael]

Bruno: Foi aí que a Morte se apresentou para ela

Ela entrou entrona mesmo

Disse que *[Morte fala junto com Bruno]* “agora ela ia ficar, que se acostume”

Disse que *[Morte fala junto com Bruno]* “sentia muito, mas esse era seu encargo nesse mundo”

A menina achou meio assim

Esquisito

Do avesso

Mas logo chega papai

Dizendo que ela tinha educação

Que chamasse a morte para se sentar

Que escolhesse um tipo de chá

Virgínia: Papai era desses que acolhia tudo

Assombração, passarinho e visita

Então eu disse de obrigação que ela entrasse

Ela fez que não ouvia

Cuspiu no chão

Assoviou pro alto

E o Tombinho ela tirou dali

Daqui para outro lugar

Um onde que não sei achar

Um onde que me rasga o peito

E que eu demorei até remendar

A linha na agulha

E tudo mais

Mal sabia que o remendo

Só ia se esticar

E que a vida se tratava

É de um grande costurar

Bárbara: A agulha passa se encontrando

Colando um lado no outro

Virginia: Achei meio feio, de mal gosto

Que fosse tudo assim, retalhado

Virgínia: Quem dera me parasse aí
Essa poesia maltratada
Mas a folga da morte
Se instalava desembestada

Foi só uma vez que ela pediu licença

Morte: Licença.

Virgínia: Disse que não teria jeito

Morte: Não vai ter jeito.

Virgínia: Disse que até nela doía um pouco

Morte: Até em mim dói, mas...

Virgínia: Mas tinha que ser feito.

8. PÃO DE QUEIJO SEM LACTOSE (unidade)..... R\$ 9,00

Morte: Foi mal.

Virgínia: Foi o meu pai!

Morte: Foi hora.

Virgínia: Eu não entendo o porquê disso.

Morte: E eu não entendo os ocidentais, apegados, arcaicos, caretas. Cadê as festas, os banquetes? Cadê a dança, meu deus? Ninguém por aqui dança mais. É só choro e miséria.

Virgínia: Flores não são suficientes para você?

Morte: Cafona. Cafona. Uma vez trouxe comigo uma mulher alérgica a flores. No enterro ninguém se lembrou disso e agora ela espirra pela eternidade. É isso que vocês fazem com a gente. Respeito nenhum.

Virgínia: Então existe?

Morte: Respeito?

Virgínia: Eternidade?

Morte: Espertinha. Isso eu não te conto.

Virgínia: Você que não tem respeito por nada. Leva criança, doente, avô, avó, filho. Não se compadece de tragédia nenhuma.

Morte: Eu sou só a morte, não sou o capitalismo.

Virgínia: Você é conivente com isso tudo, isso sim.

Morte: Eu sou uma mera espectadora do caos humano. Vocês que se comam sozinhos. É um grande espetáculo. Explosões, culpa, sangue e cimento. E cafonas, cafonas. Caixão, super cafona. Lápide, o horror. Uó. Túmulos, aquele criadouro de vermes e de insetos.

Virgínia: O que eu faço então com essa dor, com esse corpo, se eu não posso acimentar tudo isso?

Morte: Você que plante, afunde, solte no mar.

Virgínia: E tem concerto?

Morte: Concerto não tem. Tem outra coisa.

[Inicia-se um ritual de despedida. Elementos cênicos e referências a outras cenas são empacotados. Música: Sugestão - Marisa Monte - Bem leve]

Morte *[durante a música]*: Nada mais te prende aqui menina. Pode ir. Eu te libertei.

[Ao final da música e do ritual, o ator que interpreta a morte retorna para Gael]

Virgínia: Para tudo que morre na gente, parece que tem outra coisa que nasce. Meu pai morria e parecia que eu tinha que aprender a andar de novo. E assim eu fui meio cambaleando do interior de Minas até o Rio de Janeiro.

Gael: Realizar o sonho de ser atriz.

Bruno: A grande metrópole.

Virgínia: Desaguei na Baía de Guanabara com 120 reais no banco, três maçãs na mochila e uma coragem de herança.

Bruno: E o pão de queijo?

Virgínia: Até o esgoto aqui tem outro cheiro.

Gael: E o pão de queijo?

Virgínia: Aqui o suor é diferente. Vem da cabeça.

Bárbara: E o pão de queijo?

Virgínia: Reordenei as árvores, as ruas mudaram de direção. Coloquei mais morros e mais água salgada. Coloquei um salto alto nos prédios e fiz passagens subterrâneas para as linhas de metrô.

Gael: E a especulação imobiliária?

Bruno: E o pão de queijo?

Virgínia: Eu sou intolerante à lactose.

Bruno: Nem um docinho de leite?

Virgínia: 27 anos e divido apartamento.

Bruno: Queijinho branco, nada?

Virginia: A minha saudade tem outro gosto. É um gosto de cidade pequena, de paralelepípedo, de cachacinha. Sair da sua casa e ir pra cidade grande é sempre viver meio desconjuntada.

Gael: Essa nostalgia de um passado é invenção. A gente que cria narrativas de um passado melhor onde as coisas funcionavam, de um interior onde a vida é melhor. Cuidado, senão você vai ficar igual aqueles velhos, resmungando por aí, reclamando que o mundo mudou.

Virgínia: E a gente não pode questionar as mudanças?

Gael: Achar que o passado é melhor é sempre ilusão.

Virgínia: Então as coisas mudam sempre para melhor? Elas nunca pioram?

Gael: As coisas mudam, só isso. E de qualquer forma, não depende da gente.

Virginia: Como assim? Nós não temos escolha pelo rumo das coisas?

Bárbara: É o nosso tiê-sangue.

9. ESPELHO.....R\$ 5,50

[Voltam para o presente. Ficam em volta do pássaro]

Virginia: Tem certeza?

Gael: Ele tá respirando?

Bárbara: Não.

Virginia: O pescoço tá quebrado.

Bruno: Isso dá azar.

Gael: Por quê?

Virginia: Ele bateu no prédio espelhado.

[Olham pro prédio]

Bárbara: Achou que era horizonte.

Virginia: Filhos da puta. Deveria ser crime construir esses prédios.

Gael: Deveria tanta coisa. É fora do nosso controle.

Virginia: Quem construiu não foram pessoas também? Pessoas feitas de carne e de escolhas como a gente?

Gael: Não Virginia, foram pessoas feitas de dinheiro e de interesse.

[Bárbara começa a cavar]

Bruno: O que você tá fazendo?

Bárbara: Tô enterrando.

Bruno: Como você tá?

Bárbara: Eu vou ficar bem.

Gael: Esses homens por atrás dos prédios espelhados tem escolhas. Nós temos um pássaro morto e dívidas.

[Pausa]

Bruno: Quando fecha?

Bárbara: Mês que vem.

[Bruno começa a gritar. Todos se assustam, mas aos poucos começam a gritar com ele.]

Bárbara: *[Respira fundo]* Ao Tiê. Que nasceu e morreu nesse café. Como nós. Ao Tiê que sobreviveu anos às ilhas de calor e aos babacas.

Gael: Mas um dia se confundiu e foi fatal.

Virgínia: Ao Tiê. Que enquanto esteve vivo preencheu o mundo um pouco mais. Que com a gente dividiu um lar.

Bruno: Ao Tiê.

Bárbara: Eu espero que agora, onde quer que você esteja, nada seja espelho, tudo seja um horizonte enorme e que nem mesmo os prédios e as pessoas por dentro dos prédios, que nem mesmo o dinheiro consiga parar o seu vôo.

[Silêncio. Se aninham. Tempo. O celular toca. Cada um checa se é o seu próprio celular. Bárbara, Bruno e Virginia logo percebem que não é o deles, mas Gael continua procurando o celular em si mesmo. Percebem que está vindo debaixo da terra]

Gael: Você enterrou meu celular junto com o bicho?

Bruno: O nome dele é Tiê.

Bárbara: Não sei. Você deve ter derrubado.

Gael: Bárbara. Pega pra mim.

Bárbara: Por quê?

Bruno: Você não pode desenterrar o morto.

Gael: É um bicho.

Virginia: Tiê.

Bruno: A gente velou ele!

Bárbara: Eu não vou fazer isso.

Virginia: Desiste do celular.

Bárbara: Vai começar a chover.

Bruno: Vamos entrar.

Gael: Gente. Por favor.

Bruno: Cada um tem o elefante branco que merece.

[Todos entram, Gael fica sozinho. Chove.]

10. CAIPIRINHA DE UVAIndisponível

[Suspensão. Flashback. Carnaval. Entram fantasiados, molhados e bêbados]

Virginia: Rápido, entra, entra. Eu faço a caipirinha!

Bárbara: Cuidado com o tapete! Vamos tirar uma foto antes!

[Bruno deita molhado no sofá. Bruno flerta com Gael, que reage de forma confusa, com uma dúvida interna de “será que eu tô imaginando as coisas? Será que eu quero?”.]

Bruno: Eu quero caipirinha de uva.

Virgínia: Não.

Gael: Bruno, você tá todo molhado.

Bruno: E daí?

[Tempo]

Bárbara: Vai gente, todo mundo pro sofá para gente tirar a foto. *[Posiciona a câmera. Todos vão meio à contragosto tirar a foto. Todos estão bêbados. Virginia só consegue pensar na próxima caipirinha e tem receio que a brisa passe durante essa enrolação para a foto sair. Bárbara senta no sofá]* Anda Gael, não implica com o coleguinha! *[Bárbara está torta, molhada e segurando um cachorro quente meio úmido]* Virgínia, vê aí se eu tô aparecendo.

Virginia: Abaixa mais!

Bruno: Você tava tão bonito esse dia, Gael...

Bárbara: Vivi, por que você tirou sua fantasia antes da foto?

Virginia: Eu não tirei... *[procurando]* Não sei onde eu coloquei meu rabinho... Bruno, me devolve os chifres.

Bruno: Eu não peguei.

Virginia: Claro que pegou.

Bárbara: Tá, tanto faz, liga o timer. Gael, pega a sua plaquinha.

Gael: Onde tá/

Bárbara: Senão ninguém vai lembrar da sua fantasia ano que vem, anda.

Virginia: Onde coloquei meu/

Bruno: Aqui.

Virginia: Vou tirar hein.

[Colocam um sorriso no rosto e começa a falar através dos dentes]

Bruno: Eu preciso mijar.

Bárbara: Gael, não apoia em mim não. Bruno, depois você mija.

Virginia: Liguei hein. Tá piscando?

Bruno: Tá piscando!

Bárbara: Para gente lembrar que ano que vem tem carnaval de novo.

Virginia: Cala a boca.

Todos *[sorrisos tortos e congelados]*: Xis! Olha o passarinho!

[Eles trocam a fantasia entre eles. Um ano se passa. É carnaval de novo. Eles olham a foto. O clima é de nostalgia.]

Bárbara: eu não sei de quando exatamente é essa foto. Eu sabia que a gente precisava ter esse registro, mas eu lembro que ninguém queria tirar.

A gente tava tão feliz nesse carnaval. Eu não sei como vai ser daqui pra frente.

Bruno: a gente não mudou nada

Virginia: O mundo mudou.

Gael: Ahá! Então foi aí que começou o cheiro de mofo. Foi no carnaval!

Bárbara: pois é, o sofá mofou.

Bruno: O que?

Bárbara: esse cheiro de mofo empestou toda a sala.

Bruno: não tem cheiro

Gael: isso não é uma opinião

Virgínia: é difícil admitir, mas o Gael tem razão. Até eu tô sentindo.

Bruno: não tem uma notícia boa nesse 2019.

Virginia: realmente, porque queimada na Amazônia e Sofá mofado é quase a mesma coisa.

Bárbara: o sofá já era, amigo.

Gael: joga essa merda fora

Bárbara: me ajudem

Bruno: Bárbara.

Bárbara: se ele ficar aqui a gente vai virar mofo junto. Se a gente ficar a gente apodrece com ele. E eu não quero me despedaçar esse ano de novo não.

Bruno: eu te ajudo. Mas vamos logo que a gente vai perder o bloco.

Bárbara: oh. A gente sai com o sofá, atravessa a rua, anda com ele a avenida todinha, passa pela linha do trem, depois da linha do vlt, depois na linha do metrô, depois passa pela orla da praia contorna todaaaa, e continua andando andando andando

Bruno: no meio do carnaval?

Bárbara: até o sofá se rasgar todo e começar a pular espuma pra fora, e a espuma se confundir com os confetes, e as molas ficarem expostas e só sobrar a carcaça e as pessoas começarem a seguir essa nossa coisa e a gente virar um bloco enorme

Virgínia: eu fico na linha de frente

Bárbara: e quando nao tiver mais nada nada, quando o sofá já ter virado só uma brisa leve de mofo, a gente continua andando e andando andando

Bruno: dançando

Virgínia: dançando!

Bárbara: e a gente faz esse carnaval durar pra sempre

Gael: eu levo a cachaça

[Saem com o sofá de cena como se estivessem em um grande bloco]

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFIAS

- ATAÍDE, Livia. **Baleia**. 2016. Disponível em: <http://dramaturgiaemnucleo.com.br/livs.html> . Acesso em: 02/07/2019
- _____. **Bird**. 2016. Disponível em: <http://dramaturgiaemnucleo.com.br/livs.html> Acesso em: 02/07/2019
- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Obras Escolhidas Vol. I Magia e técnica, arte e política**. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994, pp.197-221.
- BOGART, Anne; LANDAU, Tina. **O livro dos viewpoints: um guia prático para viewpoints e composição**. Trad. Sandra Meyer. 1.ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.
- BOGART, Anne. **A Preparação do Diretor: sete ensaios sobre arte e teatro**. Trad. Anna Viana. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2011.
- DERRIDA, Jaques. **Adeus a Emmanuel Lévinas**. Trad. Fábio Landa. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- FABIÃO, Eleonora. Corpo cênico, estado cênico. In: **Revista contrapontos – Eletrônica**, v.10, n.3, p.321-326, 2010. Disponível em: <https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rc/article/view/2256/1721>. Acesso em: 24/06/2019
- FLORÊNCIO, Thiago; SCHNEIDER, Adriana. Procedimentos dramaturgicos em cidade correria: ocupações urgentes, corpos insurgentes. In: **O percevejo online**. V.9, n.1, pp.89-104, 2017.
- GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. Trad. Eric Nepomuceno. 2.ed. Porto Alegre: L&PM, 2013.
- _____. El viaje. In: **Bocas del tiempo**. 1.ed. Buenos Aires: Catálogos, 2004. Disponível em: http://resistir.info/livros/galeano_bocas.pdf Acesso em: 29/07/2019

GASPARINI, Philippe. Autofiction vs autobiographie. In: **Tangence**, n. 97, pp. 11-24, 2011.

LECOQ, Jacques. **O corpo poético: uma pedagogia da criação teatral**. São Paulo: Editora Sanac São Paulo: Edições Sesc São Paulo SP, 2010.

LISPECTOR, Clarice. **Água viva**. São Paulo: Editora Rocco, 1998.

PAULA, Raysner de. **A menina de lá**. Belo Horizonte: [s.n.], 2014.

SPOLIN, Viola. **“O Jogo Teatral no Livro do Diretor”** São Paulo: Perspectiva, 2013.

REFERÊNCIAS CINEMATOGRAFÍAS

ANTES do amanhecer. Direção: Richard Linklater. Produção: Anne Walker-McBay.
Intérpretes: Ethan Hawke, Julie Delpy e outros. Roteiro: Kim Krizan e Richard Linklater. Estados Unidos: WARNER BROS, 1995. 1DVD.

CAPITÃO fantástico. Direção: Matt Ross. Produção: Jaime Patricof e Lynette Howell.
Intérpretes: Viggo Mortensen, George MacKay, Samantha Isler, Annalise Basso, Nicholas Hamilton e outros. Roteiro: Matt Ross. Estados Unidos: UNIVERSAL PICTURES, 2016. NETFLIX.